

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
CÂMPUS CURITIBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEPED-CT
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E TÉCNICAS
DE ENSINO**

JAQUELINE MARIA COELHO MACIEL

**AS TECNOLOGIAS DIGITAIS A FAVOR DA INCLUSÃO:
um estudo de caso de uma criança surda na Educação Infantil**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2018

JAQUELINE MARIA COELHO MACIEL

**AS TECNOLOGIAS DIGITAIS A FAVOR DA INCLUSÃO:
um estudo de caso de uma criança surda na Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso de
**Especialização em Tecnologias,
Comunicação e Técnicas de Ensino** da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná - UTFPR, como requisito parcial
para a obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maurini de Souza

CURITIBA

2018



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

No dia 11 de setembro de 2018, às 18h30, compareceu ao seu respectivo polo de apoio presencial Jaqueline Maria Coelho Maciel para, em presença de docente representante da UTFPR, do(a) tutor(a) local do curso e da coordenação do polo, realizar a apresentação e defesa de sua monografia intitulada AS TECNOLOGIAS DIGITAIS A FAVOR DA INCLUSÃO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA SURDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, sob a ilustre orientação de Profa. Dra. Maurini de Souza. Após feita a apresentação, procedeu-se à leitura dos pareceres da orientação e avaliadores e eventuais questionamentos. Vencidas essas etapas formais, o trabalho foi considerado **APROVADO** e, pendendo correções pontuais solicitadas pela banca e o depósito da versão final junto à Universidade, dará ao(à) autor(a) o direito ao certificado de Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino emitido pela *Universidade Tecnológica Federal do Paraná*, no âmbito do programa *Universidade Aberta do Brasil*.

Em 11 de setembro de 2018,

Prof. Dr. Marcus Vinicius Santos Kucharski
Coordenador do Curso de Especialização em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino

Profa. Dra. Maurini de Souza
Orientador(a) da monografia

Profa. Dra. Marta Rejane Proença Filietaz
Avaliador(a) principal da monografia

Profa. Dra. Jamile Ajub Bridi
Avaliador(a) secundário(a) da monografia

Jaqueline Maria Coelho Maciel
Especializando(a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças que me incentivam a continuar pesquisando e refletindo sobre minha prática pedagógica. De modo especial às crianças que em sua limitação da audição mostraram que podemos ouvir com o coração, pois o que nos limita é o preconceito e o medo do novo.

AGRADECIMENTOS

A Deus que em sua infinita bondade me capacitou e fortaleceu nos momentos de desânimos e tropeços na caminhada.

Aos familiares que me apoiaram, incentivaram e entenderam os momentos em que não me fiz presente. E também, àqueles que não apoiaram, mas me mostraram o quanto sou persistente.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná pela oportunidade, representada pelo coordenador do curso, Professor Marcus Vinicius Santos Kurcharski, do qual sempre procurou entender nossos anseios e limitações.

A todos os professores do curso, em especial a professora Maurini Souza, minha orientadora, que despertou ainda mais minha criatividade em suas aulas e esteve a meu lado no momento da escrita.

Aos colegas de curso, que nos momentos de desesperos e incertezas se fizeram presentes com uma palavra amiga, uma orientação ou simplesmente compartilhando os sentimentos.

A amiga Lizyane, minha companheira de todos os momentos, das caronas, das discussões, das experiências no campo e até da ousadia de dirigir até o centro.

Aos colegas da Creche Stella Maris, em especial àqueles que contribuíram com esse trabalho.

A todas os alunos, pequenos e grandes, que me mostraram a importância das tecnologias, da comunicação e das técnicas de ensino em minha prática pedagógica.

EPÍGRAFE

“Esta língua não é minha,
qualquer um percebe.
Quem sabe maldigo mentiras,
vai ver que só minto verdades.
Assim me falo, eu, mínima,
quem sabe, eu sinto, mal sabe.
Esta não é minha língua.
A língua que eu falo trava
uma canção longínqua,
a voz, além, nem palavra.
O dialeto que se usa
à margem esquerda da frase,
eis a fala que me lusa,
eu, meio, eu dentro, eu, quase.”
Paulo Leminski

RESUMO

MACIEL, Jaqueline Maria Coelho. **As tecnologias a favor da inclusão**: um estudo de caso de uma criança surda na educação infantil. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização/UAB – Tecnologias, Comunicação e Métodos de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Esta pesquisa tem como propósito compreender a contribuição das tecnologias digitais de comunicação e informação na inclusão de uma criança surda na Educação Infantil. Ela parte de inquietações da prática pedagógica, e em especial de uma experiência no ano de 2017, com um grupo 5/6 do qual uma das crianças era surda. A pesquisa tem abordagem qualitativa, em um estudo de caso a partir da análise documental e também conta com entrevistas com os envolvidos no processo, professores, professores auxiliares, professora de LIBRAS, supervisão, direção, funcionários e a mãe da criança. A base de estudos é pautada nos escritos sobre educação de surdos e inclusão; entre eles, destacam-se Karnopp (2005/2010) Lodi (2009), Perlin (2004/2006) e Strobel (2008/2016), além de diferentes artigos sobre o tema, ou que contribuíram com a discussão. A pesquisa bibliográfica nos possibilita reconhecer os avanços na inclusão dos surdos e os caminhos que estão sendo trilhados para essa inclusão. Também apontou a participação do Interpreté de Libras como essencial no trabalho dentro da instituição, todavia aponta que não pode ser um trabalho apenas com a criança surda e sim com toda instituição. A pesquisa mostrou que a inclusão da criança surda aconteceu em diferentes momentos, desde sua participação em todas as atividades propostas pelos professores, como também a socialização com seus pares e sua inserção na Cultura Surda. Porém, também fica evidente que para a inclusão acontecer com o uso das tecnologias é necessário um engajamento por parte de todos os envolvidos compreendendo as tecnologias de forma crítica e as utilizando de forma criativa.

Palavra-chave: Tecnologias Digitais. Inclusão. Criança Surda. Educação Infantil.

ABSTRACT

MACIEL, Jaqueline Maria Coelho. The technologies in favor of inclusion: a case study of a deaf child in early childhood education. 2017. Work to completion of the Specialization Course/UAB - Technologies, communication and teaching methods. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018. This research aims to understand the contribution of digital technologies of communication and information on the inclusion of a deaf child in Early Childhood Education.

This research aims to understand the contribution of digital technologies of communication and information on the inclusion of a deaf child in Early Childhood Education. It starts from the anxieties of pedagogical practice, and in particular an experience in the year 2017, with a group of 5/6 year old children in which one of them was deaf. The research has a qualitative approach. It's a case study from a documental analysis. It also includes interviews with those involved in the process: teachers, assistants, LIBRAS teacher, supervision, direction, other workers in the school and the child's mother. The study is based on the knowledge of deaf's education and inclusion; among them, it is worth mentioning Karnopp (2005/2010) Lodi (2009), Perlin (2004/2006) and Strobel (2008/2016), in addition to different articles on the theme, or that contributed to the discussion. The bibliographic research allows us to recognize the advances on the inclusion of the deaf and the paths that are being pursued for such inclusion. It also pointed out the importance of the LIBRAS interpreter on the pedagogical work inside the institution, however this should not be a work only with the child but with the institution as a whole. The research showed that the inclusion of deaf children happened at different moments, since their participation in all activities proposed by teachers, but also to socialize with their peers and their insertion in the Deaf culture. However, it is also clear that for the inclusion to happen with the use of technologies is necessary an engagement on the part of all those involved understanding the technologies in a critical way and using in a creative way.

Keyword: Digital Technologies. Inclusion. Deaf Child. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS	12
2. METODOLOGIA.....	19
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE 1: Modelo de entrevista com quem esteve próximo ao grupo	48
APÊNDICE 2: Modelo de entrevista com as pessoas que atuaram no grupo	49
APÊNDICE 3: Modelo de questionário aplicado com os intérpretes de Libras	50
APÊNDICE 4: Modelo de entrevista com a mãe da criança surda	51
APÊNDICE 5: Transcrição da entrevista com a professora do grupo “Alegre”	52
APÊNDICE 6: Transcrição da entrevista com a professora do grupo “Levada”	54
APÊNDICE 7: Transcrição da entrevista com pessoa próxima ao grupo “Movimento”	57
APÊNDICE 8: Transcrição da entrevista com pessoa próxima ao grupo “Introvertida”	58
APÊNDICE 9: Transcrição da entrevista com pessoa próxima ao grupo “Observadora”	62
APÊNDICE 10: Transcrição da entrevista com pessoa próxima ao grupo “Brincante”	63
APÊNDICE 11: Transcrição da entrevista com a mãe da criança surda	67
APÊNDICE 12: Transcrição do questionário aplicado com Intérprete de Libras 1.....	68
APÊNDICE 13: Transcrição do questionário aplicado com Intérprete de Libras 2.....	69

INTRODUÇÃO

Para realização deste trabalho, a leitura de Mills (2009) se apresenta como referência. A partir de Mills (2009, p. 22), entende-se que a escrita não está desvinculada da vida, e, portanto, da formação e prática pedagógica, pois, como afirma o autor, as duas coisas são importantes demais para separá-las (escrita e formação).

A justificativa para este projeto é decorrente da reflexão sobre a inclusão do surdo nos espaços de Educação Infantil, iniciada no ano de 1996 e reafirmada no primeiro semestre de 2017 com a contribuição do curso “Cinema na Escola: inventar com a diferença.

No ano de 1996, sem formação na Educação Especial, as professoras de um Núcleo de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis (dentre as quais esta pesquisadora se inclui) receberam três crianças com deficiências: uma cega, uma surda e uma com síndrome de Down. Nesta época, sem auxílio especializado, foram criados métodos próprios, mas que nem sempre garantiam que as crianças fossem melhor atendidas ou supridas suas necessidades, principalmente com a criança surda, já que, na Educação Infantil, as vivências são realizadas potencialmente pela linguagem oral e sonora/musical: cantar, dançar, conversar, contar histórias, brincar com os sentidos. Como fazer isso tudo com uma criança surda? Como realizar propostas coletivas para que ela não se sinta excluída? Eram questões que circundavam as reuniões pedagógicas.

O curso de formação para professores “Cinema na Escola: inventar com a diferença” trouxe à pesquisadora um olhar mais atento ao uso das tecnologias digitais. Isto porque trazia na proposta projetos e ações na perspectiva de autoria com as crianças, ao mesmo tempo em que provocava desconstruir posturas com que professores já estão habituados. Além disso, o curso tinha como proposta sensibilizar os professores para questões relacionadas aos direitos humanos. E não seria a inclusão da criança surda um assunto importante a ser abordado?

Neste contexto, este projeto de pesquisa é decorrente das experiências vivenciadas no curso “Cinema na escola”, do projeto de sala (da qual a pesquisadora se inclui) e das reflexões vivenciadas neste período e dialogadas com os documentos norteadores.

Deste modo, podemos afirmar que, com a elaboração da LDB 9394/96, o trabalho de inclusão apresentou novos direitos adquiridos e a criança surda da Educação Infantil no município de Florianópolis passou a ter uma professora de LIBRAS para inseri-la nesta nova língua. Assim, intérpretes de LIBRAS passaram a fazer parte do convívio em sala; esses intérpretes, em alguns casos, também eram surdos, o que gerava ao professor sem uma formação mínima (ou nenhuma) nessa linguagem, um isolamento. Tal situação é regente do questionamento norteador desta pesquisa: qual o papel do professor na inclusão da criança surda? A pesquisa pretende averiguar e, em caso afirmativo, disseminar, o entendimento de que as tecnologias digitais podem ser instrumentos de mediação, comunicação e inserção da criança surda nos espaços de Educação Infantil, contribuindo na inclusão.

Para tal, a partir de um estudo de caso, procurou-se analisar como as tecnologias digitais foram inseridas no contexto, na mediação e inclusão de uma criança surda no espaço da Educação Infantil, em uma Creche da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Para alcançar este objetivo maior, foi necessário estabelecer alguns objetivos específicos.

O primeiro foi descrever as propostas pedagógicas realizadas com as tecnologias digitais de comunicação e informação, e refletir sobre essas propostas e se podem, ou não, contribuir na inclusão da criança surda. Nesse momento, as propostas teóricas de Freire (1985, 1989, 2002), Karnopp (1999, 2006, 2010), Lodi (2009), Perlin (2006), Strobel (2008) e Vygotski (1997) foram a base do desenvolvimento argumentativo.

O segundo objetivo específico foi realizar entrevistas e, a partir delas, comparar com a análise documental, percebendo se aconteceu a inclusão e se houve alguma contribuição dessas tecnologias. As entrevistas foram voltadas às pessoas que acompanharam de perto o desenvolvimento da criança surda e das demais crianças, entre estes: professores, intérpretes de LIBRAS, família (representada pela mãe da criança) e gestores.

Neste movimento também foi preciso compreender ainda o papel do professor na mediação entre a professora de LIBRAS e as crianças, percebendo se as crianças ouvintes se apropriam da Língua de Sinais e a contribuição das tecnologias digitais de comunicação e informação.

1. PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS

A Educação Inclusiva na Rede Municipal de Florianópolis foi estabelecida com as mudanças nos documentos políticos e legais, sendo estes nacionais, estaduais e municipais, dos quais apontam o Direito Fundamental a Educação a todos, assegurando o direito ao atendimento educacional especializado. Todavia, a inclusão nem sempre aconteceu, e é possível dizer que ainda há muito o que fazer para que ela aconteça de forma mais eficiente, pois é preciso garantir que os professores estejam preparados e formados para esse atendimento e que na mediação facilitem o processo de interação entre os pares.

Por hora, a formação para o trabalho com a criança surda ainda segue deficiente, embora professores busquem individualmente seu aperfeiçoamento, sempre com olhar para o compromisso com a educação inclusiva.

Há também pessoas engajadas com diferentes projetos que buscam articular com a educação propostas para que o professor desafie a si mesmo em práticas inovadoras e que repense sua prática, como é o caso do curso “Cinema na Escola – Inventar com a diferença”. O curso partiu da ideia de Cezar Miglorin e outros pesquisadores do Departamento de Cinema da Universidade Federal Fluminense em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Esse curso tem empoderado crianças de todas as idades para inventar com poucos recursos e fazer cinema junto a seus professores como um meio de criar com estética novas formas de ver, pensar e inventar.

Com este entendimento, percebe-se que é necessário, como aponta Freire, a virtude de ser professor. Ele afirma que a virtude de um educador não é inata, nem tampouco um dom que alguém recebe de presente, mas é conquistada na busca constante para uma transformação e da qual reflete em atitudes, comportamentos e maneira de ser, de compreender e de querer um mundo menos injusto. (FREIRE, 1985). Esta não é uma tarefa fácil, principalmente quando o professor está inserido em uma escola com poucos recursos, mas é na articulação professor/aluno que outros caminhos são estabelecidos, construindo uma aprendizagem significativa.

Sendo assim, é preciso refletir sobre as práticas apoiadas também na teoria, a qual vem sendo construída com as diversas pesquisas nas ciências sociais; entre

estas, aquelas que apresentem um mundo menos injusto para aqueles que precisam de inclusão e de empoderamento.

Mesmo na Educação Infantil, há razões para levar as crianças ao empoderamento, desde o rompimento da imposição de gênero, estímulo da autonomia, luta contra a opressão estética, e também interrompendo o ciclo do preconceito. E para que este empoderamento aconteça “é preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz.” (FREIRE, 1985, p. 1). Para Freire, não é possível, nas virtudes de um educador, ter um discurso e outra prática.

Neste sentido, ao pensar na inclusão da criança surda na Educação Infantil, é possível ponderar que, um intérprete de LIBRAS na sala de aula não é a solução para inclusão, embora sua presença seja importante e sensível sua contribuição. Porém, com a falta de entendimento de sua presença na sala de aula, em vez de fazer inclusão, faz-se exclusão. Isso porque muitos professores entendem a visão do intérprete como o cuidador da criança, aquele que estará ali para suprir a necessidade da oralidade. O mesmo entendimento tem o intérprete que acredita estar ali para fazer a criança ler o mundo com outra língua e fazer parte de outra comunidade, a comunidade surda, e por isso nem sempre colabora com a interação entre os pares. O fato é que ambos estão equivocados e, para se ter essa clara visão, é preciso debruçar sobre a reflexão crítica da prática, entendendo a importância do papel de cada um, não sendo um ou outro mais importante, mas ambos necessários.

Mesmo dentro de um espaço de ensino regular, pode-se perceber que os surdos ainda se sentem excluídos, pois além de não estarem com os “seus iguais” precisam de um esforço para se inserir em uma “cultura de outro”. Pode-se confirmar isso nas narrativas de alunos surdos, como nos apresenta Karnopp,

Queremos ter a escola... Mas não como a escola do ouvinte, mas como a escola do adulto surdo (...). Na escola do adulto surdo (...) precisa que se ensine LIBRAS. O português tá bom, professor, mas a LIBRAS é melhor. Na escola do surdo precisa que haja um professor surdo, para que as mulheres aprendam tudo sobre beterraba... Na escola do surdo precisa ter intérprete e curso de LIBRAS para os ouvintes. Queremos também computador, intercâmbio com as comunidades surdas, teatro, arte, jogos, geografia, história, português, festas, churrasco e passeios... E se a escola oferecer tudo isso, nem precisa ter férias no mês de fevereiro, porque ficar em casa sem os amigos surdos é mesmo muito chato, professor. (KARNOPP, 2010, p. 158 e 159).

Percebe-se aqui que eles querem mais do que estar em um ensino regular e compreender a língua do outro. Eles anseiam por serem compreendidos, por comunicar-se em sua língua, por verem outros se apropriando desta segunda língua brasileira. Mas, além disso, querem utilizar as tecnologias para comunicar-se com o mundo e para estabelecer relações e ampliar sua cultura. Com as crianças pequenas isso não é diferente, elas querem participar deste mundo de descobertas, do novo, da comunicação com os pares e do respeito a sua cultura.

Strobel (2008) aponta que, se olharmos para história com o olhar focado às pessoas surdas, percebemos que muitas foram as injustiças que essas pessoas sofreram até chegar os dias de hoje em que se tem uma prática que busca a inclusão. Ela aponta que, na obra de Foucault (2005) encontra-se a seguinte afirmativa,

[...] graves problemas que a sociedade humana e as autoridades públicas afrontam com as diferentes culturas em seus territórios, os sujeitos diferentes são identificados e socialmente estereotipados e também se tende a generalizar as suas limitações e a minimizar as suas limitações e os seus potenciais, a diferença está tão presente e enfatizada para os que os cercam que justifica os seus sucessos e fracassos nos seus atos e realizações. (FOUCAULT (2005), apud STROBEL, 2008, p. 13)

Deste modo, compreender e valorizar a inclusão do surdo é importante para os dias de hoje, mas é preciso ir além de compreender e valorizar. É preciso risco, aceitação do novo e rejeição à discriminação que é característico do “pensar certo”, do qual aponta Freire (2002), rejeitando qualquer forma de discriminação.

Pensar certo não é que – fazer de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. [...] A tarefa do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. (FREIRE 2002, s/p).

Isso implica na necessidade de entender cada um seu papel, mas que esses papéis possam se comunicar e intercomunicar. O que precisa em alguns momentos sair de seu lugar e se colocar no lugar do outro. Portanto, é preciso buscar sempre na formação a curiosidade epistemológica da qual aponta Freire (2002). Curiosidade que move para o novo, para o risco e para inclusão.

Para compreender a importância do intérprete na sala de aula, podemos buscar na história, a qual apresenta as práticas com crianças surdas há alguns anos, em rede regular, sem um intérprete ou um professor com formação para lidar com este novo. Tal procedimento transferia para a criança a responsabilidade de entender o outro, de aprender a ler os lábios, de aprender com a expressão facial ou de simplesmente se negar a aprender, como aponta Strobel sobre sua inclusão na escola regular.

Eu, por exemplo, procurava ler os lábios, mas após uns 10 minutos os meus olhos começavam a arder, cansavam e eu desistia de prestar atenção nas aulas e ficava 'olhando-para-a-parede'. Acho que se tivesse 'diploma' para o total das horas 'olhando-para-parede', eu bateria recorde por toda a minha vida escolar 'inclusiva'. (STROBEL, 2008, p. 16)

Tomando-a como exemplo e entendendo que, neste tempo, Strobel (2008) já estava no Ensino Fundamental, é importante refletir sobre o que se dirá de uma criança na Educação Infantil, e como incluí-la aos momentos com música, roda de histórias e rodas de conversa tão utilizadas neste segmento da educação. Nesse sentido, é preciso avaliar se o intérprete, isoladamente, resolve essa demanda ou se as tecnologias digitais podem auxiliar na inclusão de uma criança surda.

Refletir sobre a contribuição das tecnologias na inclusão se faz necessário nos dias de hoje, principalmente pelo entendimento que a escola é campo de diferentes culturas. E, portanto, há a necessidade de nos assumirmos, como aponta Freire (2002).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. (FREIRE, 2002, s/p)

E isso independe de uma língua e de uma cultura, mas da necessidade do entrelaçamento destas e do elo entre a palavra e o silêncio. Ressalta-se que Freire não falava especificamente do silêncio de uma pessoa surda, mas pode-se pensar que,

Se não sei escutar os educandos e não me exponho à palavra deles, termino discursando "para eles". Falar e discursar "para" termina sempre em falar "sobre", que necessariamente significa "contra". Viver essa experiência

da tensão da palavra e o silêncio, não é fácil. Exige muito de nós. (FREIRE, 1985, p. 2 e 3).

Com esta compreensão, precisamos estar atentos ao que nos dizem as crianças, e dizer não precisa ser necessariamente com palavras. Fantin (2009, p.8) afirma que, “ao nos aproximarmos do olhar das próprias crianças, poderemos entender outra dimensão do que acontece nesse espaço-tempo próprio das interações reais e simbólicas que as crianças estabelecem com as produções culturais”.

Deste modo, precisa haver um esforço para perceber o que dizem seus interesses e desinteresses, e com a criança surda seu interesse não pode ser percebido pela voz, mas pode ser compreendido pelas muitas “vozes”; conforme aponta Pereira, as vozes que podem ser percebidas pelo corpo,

[...] as vozes dos autores desestabilizam noções enraizadas e inserem o corpo nas discussões sobre educação: mãos que tocam o mundo e são por ele tocadas apreendem a complexidade do real; corpos precarizados – Seres-no-mundo que convivem com a exclusão e a pobreza – indagam os docentes e lançam o desafio de construir novas formas de ensinar e aprender; o questionamento da hegemonia da linguagem escrita – tida como uma forma de dominação – e a denúncia de que a negação da presença de linguagens e performances do corpo nas escolas é também um tipo de analfabetismo; a redescoberta do corpo sensível e motriz como inspiração para a busca de orientação e de novas sensibilidades para lidar com as tecnologias digitais. Consideradas juntas, ora aproximadas, ora contrapostas, essas vozes podem formar uma voz polifônica que tanto nos alerta quanto nos orienta no fazer pedagógico. Esse cuidado que reconhece, respeita e se apropria criticamente de diferentes vozes, desloca nossos pontos de vista e amplia os caminhos para que, nos letramentos, possamos ter encontros dialógicos do corpo com um mundo onde as tecnologias digitais são sempre mais presentes (PEREIRA, 2004, p. 105)

Assim, podemos compreender que as crianças podem nos dizer muito mais com seus corpos do que com a linguagem oral. E neste corpo também entram as mãos, capazes de “dar voz” ao surdo. Neste sentido reconhecemos a importância no papel de professor, da apropriação da língua de sinais. Pois, conforme Souza (2000, p. 92) *apud* Perlin (2006, p. 142), “no caso dos surdos faz-se necessário franquear-lhes a palavra, quer dizer que, antes de escreverem em nosso idioma deveriam poder se narrarem em sinais, e suas narrativas precisariam ser acolhidas por uma escuta nossa também em sinais”. Perlin (2006, p.139) a partir de Thompson (2005, p. 23) apresenta a ideia que desconsideramos as formas de representação, de

pesquisa e de escuta do surdo porque consideramos a nossa forma de comunicação como superior.

Por outro lado, não é possível culpar o professor por sua falta de formação na área, mas este deve estar engajado a buscar soluções, alternativas para lidar com as diferenças, reconstruindo seu perfil, sem com isso ser o dono do saber. Não estamos preparados para tudo, e isso também deve ser entendido pelas crianças, como afirma Freire (2002), pois, mesmo em nossa ignorância, podemos ir em busca do conhecimento, já que isto nos move a curiosidade e desafios da prática pedagógica.

Neste entendimento, deixa-se para trás as opressões, libertando-se na dialogicidade e compreendendo que, dar vez a uma criança vai além de sua necessidade, pois é seu direito como ser humano. Como podemos confirmar no Caderno de Direitos Humanos (2013), quando aponta,

Para entender o que significa o enfoque dos direitos humanos, entretanto, faz-se necessário compreender a diferença entre direitos e necessidades. Um direito é algo que é inerente à pessoa e que lhe permite viver com dignidade. Uma necessidade é uma aspiração que pode ou não ser reconhecida pelo Estado, por legítima que seja. Um direito pode ser reclamado perante a lei, pois há uma obrigação do Estado de provê-lo. Uma necessidade não tem respaldo jurídico, portanto não existem mecanismos legais que garantam a sua satisfação. (BRASILIA, 2013, p. 19 e 20)

Por mais que isso seja conhecido pela sociedade e também pela lei, ainda precisamos de atitudes que levem ao respeito aos seus direitos e não simplesmente no ato de satisfazer a uma necessidade, que é o que representa a participação do intérprete, pelo menos nas experiências da pesquisadora. Nesse sentido, aponta Vygotski:

É preciso propor e compreender o problema da defectividade infantil, na psicologia e na pedagogia, como um problema social, porque seu momento social, anteriormente não observado e considerado comumente como secundário, resulta, na realidade, fundamental e prioritário. Deve ser estimado como principal. É preciso encarar com audácia este problema, como um problema social. Se uma deficiência corporal significa psicologicamente uma luxação social, desde o ponto de vista pedagógico, educar a essa criança é inseri-la na vida, como se insere um órgão luxado e enfermo. (VYGOTSKI, 1997, p. 78).

O que se propõe pensar é que as tecnologias digitais podem ser elementos importantes nas relações que se estabelecem dentro das instituições, com a criança surda, com o intérprete e com a família, contribuindo com a inclusão.

Porém é preciso destruir alguns mitos, como abaliza Freire, dentre os quais o mito de que professor não sabe utilizar tecnologia, sendo que celulares, computadores e outras tecnologias são utilizados diariamente para uso pessoal. Assim, como aponta Pereira,

É possível que a falta dessas noções, aliada a um temor em causar estragos ou em se machucar, possa estar colaborando para um uso menos intenso de algumas mídias nas escolas, devido a falta de habilidade sentida por muitas professoras para envolver pequenos problemas, como um cabo desconectado ou uma fita ou DVD trancado no aparelho. A ausência deste saber técnico pode estar relacionada também a um uso mais acanhado de algumas tecnologias, por não compreender bem sua lógica. (PEREIRA, 2009, p.140)

Sendo assim, é necessário um esforço maior no sentido de nos apropriarmos das tecnologias a partir da formação continuada ou permanente.

Citelli (2000) aponta que nos últimos trinta anos foi possível perceber uma mudança significativa do sistema de comunicação o que conseqüentemente refletiu na escola e nos modos de aprender. Ele aponta que essas mudanças não são apenas fruto da expansão das tecnologias, mas da mudança da própria sociedade. E podemos confirmar isso no Plano Nacional de Educação para os Direitos Humanos (PNEDH) quando aponta que,

A mídia pode tanto cumprir um papel de reprodução ideológica que reforça o modelo de uma sociedade individualista, não-solidária e não-democrática, quanto exercer um papel fundamental na educação crítica em direitos humanos, em razão do seu enorme potencial para atingir todos os setores da sociedade com linguagens diferentes na divulgação de informações, na reprodução de valores e na propagação de ideias e saberes. (BRASÍLIA, 2007, p. 53)

Com este entendimento, as pesquisas sobre o uso das tecnologias digitais de comunicação e informação podem nos apontar os caminhos para superar a exclusão, e o papel do professor é muito importante na busca por este caminho, já que é âmbito da escola que os problemas da exclusão ficam bem visíveis.

2. METODOLOGIA

Considera-se este trabalho como uma pesquisa social, pois foi necessário buscar na metodologia científica e teorias, caminhos ao conhecimento da inclusão de uma criança com deficiência auditiva dentro de uma instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis e a relação com as tecnologias digitais de comunicação e informação. A escolha por este campo está ajustada na experiência da pesquisadora e das provocações na prática pedagógica reafirmadas a partir de uma formação continuada.

A partir da metodologia científica, foi preciso buscar o conhecimento das técnicas e metodologias, que apoiam-se nas leituras de Gil (2008). Assim, quanto a natureza da pesquisa, esta é entendida como uma pesquisa aplicada com traços de pesquisa pura. Isso porque, as análises dos dados e os apontamentos nas entrevistas forneceram elementos para pensar a importância da pesquisa dentro do espaço de Educação Infantil.

Para entender as práticas de inclusão, foi necessário conhecer as teorias na área através de uma revisão bibliográfica, muito embora a pesquisa não se concentrasse nas mesmas, estas conduzirão a um diálogo com as entrevistas realizadas no campo. Para isso, foi realizada uma pesquisa buscando autores que dialogam com a inclusão do deficiente auditivo. Entre estes, apontamos alguns referenciais bem importantes: Karnopp (1999, 2006, 2010), Lodi (2009), Perlin (2006) e Strobel (2008).

No que se refere a abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois a partir dos dados e interpretação dos mesmos, não se pretendeu apontar estatísticas, mas, compreender e interpretar os fazeres com a contribuição das tecnologias digitais de comunicação e informação na inclusão.

Neste movimento, pautado no entendimento de Gil (2008), aponta-se para uma pesquisa exploratória a partir do movimento de aproximação do problema “As tecnologias digitais de comunicação e informação podem auxiliar na inclusão de uma criança surda?”, em busca de hipóteses precisas.

A escolha metodológica pauta-se em Yin (2005, p. 32) *apud* Gil (2008, p. 58) para apresentar como procedimentos técnicos um estudo de caso, sendo este empírico e do qual investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, e as fronteiras entre o fenômeno e o contexto ainda não são claramente

definidas, precisando de evidências. Todavia também apresenta traços de pesquisa bibliográfica, já que será preciso dialogar com a literatura da área e características de pesquisa documental porque considera também materiais desenvolvidos no campo com o grupo, como por exemplo, fotos e vídeos.

Quanto à técnica, utilizou-se entrevistas semiestruturadas, porém, com os intérpretes, foi preciso utilizar o questionário, pois eles não estão mais na instituição e foi inviável fazer pelo *WhatsApp* pela falta de audição de um deles, já que em uma conversa pelo *Whatsapp* escrita também não é utilizado por estes e poderia acontecer equívocos na interpretação. Com o questionário, o intérprete poderia ter mais tempo para responder, já que conforme aponta Perlin “Insistir com os surdos que utilizem o português escrito é o mesmo que insistir que se utilize intenção alheia. Os surdos não conseguimos tornar a palavras dos ouvintes como a nossa”. (PERLIN, 2003, s/p)

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as pessoas que tiveram uma relação mais próxima à criança surda e ao grupo. Sendo estes: professores do grupo, a gestão da instituição, a mãe da criança, uma funcionária que realiza a limpeza da sala e uma professora que substitui o professor em momentos esporádicos, mas que se tornou uma pessoa fundamental no grupo pela facilidade que se apropriou da Língua de Sinais, e que em alguns momentos fez uma ponte¹ entre professores e intérprete de LIBRAS.

Outro fato importante para considerar é que a entrevista com a mãe da criança foi realizada pelo *WhatsApp*, já que ela se mudou para cidade de Terra Roxa no Paraná. Uma das entrevistas com a professora de sala também foi realizada pelo *WhatsApp* por conta da greve do município. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas com auxílio do aplicativo *Speech notes*.

Antes de iniciar a entrevista, o entrevistador pedia que escolhessem um pseudônimo, sendo este uma característica de criança. Os nomes escolhidos foram: Movimento, Brincante, Introversa, Alegre, Levada, Observadora. Na entrevista com a mãe da criança optou-se por chamá-la de mãe. Nos questionários, os intérpretes não se identificaram, talvez por uma leitura apressada, ou por não compreenderem a importância do ato. Sendo assim, para não ficarem sem identificação, foram identificados como intérprete 1 e 2.

¹ Quando surgia dificuldade de entendimento entre a intérprete, que é surda, e os professores que não dominavam a língua de sinais, esta professora também se mostrava uma intérprete para ambos os lados.

O estudo de caso, conforme apontado, tem como foco a inclusão de uma criança deficiente auditiva de cinco anos em uma turma de Educação Infantil. Por conta disto, alguns questionamentos das entrevistas estão direcionados a compreender o papel do intérprete de LIBRAS e a socialização. Nesta compreensão, apontam-se outros questionamentos para pensar a relação com as tecnologias digitais de comunicação e informação.

Para situar o estudo de caso, é preciso uma apresentação inicial. Assim, neste estudo de caso, temos uma criança com deficiência auditiva e também algumas dificuldades motoras, que passou a frequentar a creche no ano de 2016. Neste tempo já tinha uma intérprete, também deficiente auditiva, para inseri-la na Língua de Sinais (LIBRAS). O que se observa quanto ao ano de 2016 é que a intérprete tinha uma relação próxima à criança e um esforço individual para que ela se apropriasse de alguns gestos; fato que pode ser compreendido com auxílio das entrevistas; quando questionado sobre o desenvolvimento da criança deficiente auditiva no ano de 2016, “Alegre” afirma: “Percebia que esse desenvolvimento era mais restrito, ficava mais na questão do relacionamento e não na língua de sinais propriamente dita, mas sim nos gestos”. (ALEGRE, ABRIL/2018)

“Brincante” parece concordar quando aponta para diferença entre o intérprete de 2016 e 2017,

[...]o outro fazia um trabalho mais individualizado com a criança, eu percebia que ele ficava mais em função dele e não conversava tanto com o coletivo da creche. Mas eu via que ele apresentava muitos objetos, muitos sinais diferentes. Eu acho que essa é a principal diferença, um trabalhava mais no coletivo e o outro mais com a criança. (BRINCANTE, MAIO/2018)

“Observadora” também confirma ao afirmar que, “eu sentia bastante diferença, a primeira eu via que ela era mais interessada na parte de ensinar tudo pra ele, só pra ele. Estava sempre ligada nas coisas dele. Eu achei que a primeira era mais de ensinar, mais criativa”. (BRINCANTE, MAIO/2018)

Este fato, também contribuiu para que a criança se isolasse um pouco no ano seguinte, isso porque percebia-se que ela não tinha uma relação próxima aos colegas e apresentava certa insatisfação ao estar na instituição, já que chorava diariamente na chegada, mesmo após todo o período de adaptação. “Brincante” afirma que,

No primeiro momento ele estava um pouco assustado por estar numa turma diferente, com amigos diferentes, ele interagiu pouco com os outros, brincavam a maior parte do tempo sozinho. No começo tinha dificuldade para entrar na creche, chorava para ficar, a professora tinha que fazer todo um trabalho de convencimento, pegar no colo, dar bastante carinho bastante atenção, (BRINCANTE, MAIO/2018).

“Observadora” aponta que,

Eu não acompanhei ele na sala em 2016, porque eu não era da sala dele, mas acompanhava muito no refeitório, e ele era meio que perdido, meio que esquecido, por que as crianças olhavam pra ele com outros olhos, por ele ser novo ali no refeitório, por não saber lidar com ele. Quanto ao início do ano de 2017, eu via que ele ficava meio que retirado, mas ele sempre tentando se entrosar, e mesmo com o problema que ele tinha, ele sempre tentava estar sempre ali junto, fazendo as coisas dele. (OBSERVADORA, MAIO/2018).

Deste modo, a escolha por esse estudo de caso esteve permeada pelas observações das vivências desta criança no primeiro semestre de 2017, dos quais apresentam-se nos materiais como fotografias, filmagens e registros de campo, e apoia-se nas entrevistas com os envolvidos para um diálogo com os teóricos apresentados.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Compreendendo que vivemos diariamente imersos em uma cultura que também muda velozmente, nem sempre se percebe que essas mesmas culturas esbarram, transcendem, perpassam e também ignoram outras. Podemos afirmar isso a partir de Perlin (2006, p. 138), “Os espaços das culturas são regidos por poderosas tramas de poder. Cada cultura é em si mesma autoridade. Uma cultura difere da outra pelo enunciado, pelas tramas de poder e pelas narrativas que a constituem.” Com este entendimento, precisamos nos aproximar da cultura surda para compreender os modos de ver, sentir e entender o mundo, e quem sabe as tecnologias digitais de comunicação e informação podem contribuir neste papel.

Deste modo, a partir das leituras e das entrevistas sobre a importância do papel do intérprete dentro do espaço de Educação Infantil, foi possível conhecer a cultura surda para só depois compreender a inserção a partir das tecnologias digitais de comunicação e informação.

Quando questionado sobre a contribuição dos intérpretes de Libras que atuaram junto a criança surda no ano de 2016 e 2017, ficou claro que a presença dos mesmos dentro da instituição foi muito importante no desenvolvimento da criança, mas percebeu-se também uma diferença entre estes.

Para “Movimento” o intérprete de Libras na Educação Infantil “é fundamental, é importante e é um direito da criança, que tem que ser conquistado e lutado para que se mantenha.” (MOVIMENTO, MAIO/2018) E manter é também uma vitória da comunidade surda, já que houve tempos em que até os mais interessados foram contra, conforme Widell *apud* Perlin e Strobel apontam,

(...) ficou decidido no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão, que o método oral deveria receber o status de ser o único método de treinamento adequado para pessoas surdas. Ao mesmo tempo, o método de sinais foi rejeitado, porque alegava que ele destruiu a capacidade de fala das crianças. O argumento para isso era que ‘todos sabem que as crianças são preguiçosas’, e por isso, sempre que possível, elas mudariam da difícil oral para a língua de sinais. (WIDELL, 1992, p. 26 *apud* PERLIN; STROBEL, s/p)

Por isso, incluir o surdo na escola de ouvinte não é algo que se aprende em uma única disciplina de formação inicial, sendo importante um movimento de

conhecer a história deste grupo de pessoas, desta comunidade, deste povo, para que novos fazeres possam contribuir para o empoderamento do surdo.

Na entrevista, quando questionado sobre a importância do intérprete na Educação Infantil o intérprete 2 respondeu que é importante “para o aluno surdo acompanhar a aula, interagir com os professores e outros alunos, através da intermediação de boa qualidade, pois é um professor capacitado da área.” Percebe-se aqui a importância da interação e da mediação. Já o intérprete 1 apontou que é importante “para tradução dos sinais que a criança não entenda, desde que seja fluente em língua de sinais. Mesmo assim nada substitui a presença de um professor surdo e trabalho em conjunto”.

Neste caso, já temos um problema, já que uma criança de Educação Infantil provavelmente não será fluente na língua de sinais, fato que também é justificado quando a família também não é fluente, como podemos identificar ao questionarmos a mãe se a mesma utilizava a linguagem de sinais com a criança. Ela aponta “o que eu sei ensinar sim, se não é os sinais para gente se comunicar mesmo.” (MÃE, ABRIL/2018). O que ela quiz afirmar é que alguns sinais (Libras) que ela conhecia ela ensinava à criança, e quando não conhecia inventa seu próprio sinal para comunicar-se com o filho. Este fato foi comprovado logo que a criança passou aprender os sinais e que esbarrava nos sinais que havia construído com sua mãe, como, por exemplo, para pedir para ir ao banheiro. Foi preciso algumas semanas para fazê-lo entender o sinal em LIBRAS correto e esquecer do sinal que havia construído com sua mãe. A estratégia foi fingir que não se compreendia o sinal criado com sua mãe, o que o levava a utilizar o sinal correto.

Todavia, o “intérprete 1” faz um importante apontamento quando afirma que é preciso um trabalho em conjunto. E conforme as entrevistas, ficou evidente que foi o que faltou no ano anterior; o trabalho pareceu isolado para o intérprete, porém percebe-se também que a falta de formação em Libras do professor de sala reflete na comunicação e conseqüentemente neste trabalho em conjunto. Por outro lado, o intérprete em algumas vezes se mostrou fechado para algumas práticas tão essenciais na Educação Infantil, como no caso da música, entendendo como algo fora da realidade da criança.

Por conta disso, o *whatsapp* na comunicação foi fundamental, pois aproximou a intérprete dos professores, já que ela não pode ser isolada, mas precisa participar

do coletivo, inserindo a criança na vida social, e, quanto a isso, “Brincante” abaliza destacando a participação da “Intérprete 2” quando afirma que,

A contribuição foi essencial, cada intérprete tinha seu jeito de trabalhar com a criança surda, mas ela (Intérprete 2) foi essencial no sentido que ela auxiliava ele na comunicação, incluindo ele no sistema de linguagem que vai utilizar pela vida toda. Eu acho que ter os intérpretes na creche trabalhando com essa criança auxiliou também as professoras ouvintes, não só as do grupo, mas como todas as outras professoras, a trabalharem, conversarem, ter mais atenção como essa criança. Nos ensinou por exemplo, a trabalhar a questão de alimentação dele no refeitório, ensinando o nome dos alimentos e das frutas. (BRINCANTE, MAIO/2018)

Todavia “Alegre”, mesmo entendendo a importância do intérprete e o trabalho realizado, afirma que, “eu vejo uma dificuldade, não sei se é porque é a única experiência que eu tive, né? Pelo fato de que o profissional não deveria ter a deficiência auditiva.” (ALEGRE, ABRIL/2018) Ela afirma que sua formação em Libras foi muito superficial e por isso interagir com uma intérprete surda trouxe algumas dificuldades, e por isso o trabalho inicialmente não teve o desenvolvimento esperado. Ela acredita que talvez tenha faltado para intérprete uma formação na Educação Infantil e um olhar mais atento da supervisora para esta necessidade.

Quanto a isso, as observações mostraram que inicialmente a intérprete realmente se limitava a participar apenas quando as professoras pediam sua ajuda em alguma tradução, e parecia também utilizar o *whatsapp* para se isolar, talvez seu único jeito de se comunicar com outros naquele momento. E as professoras, também sem saber fazer essa mediação, de certa forma também a excluía, porque muito pouco se conhece da cultura surda e a forma como interagir e garantir espaço.

Porém, o movimento do ouvinte para aproximar-se da cultura surda também já foi conflitante, e podemos perceber isso a partir do trabalho de Perlin (2011), que afirma que o Intérprete ouvinte também teve que buscar seu espaço entre os surdos, pois, “Entre os surdos há aqueles que remetem o intérprete como mal necessário.” (PERLIN, 2011, p. 145). Neste caso ela aponta para o intérprete ouvinte, que não faz parte da cultura surda.

Contudo, Perlin (2011) vem na defesa que não se têm a intenção de “fechar as portas” da cultura surda, pelo contrário,

Não há nada em nossa cultura surda que nos permita pensar em acabar com a presença do ILS. O movimento de nossa cultura está também dirigido

para a formação do intérprete, para sua qualificação social e cultural. O mesmo deve ser por parte dos ILS e de outras culturas. (PERLIN, 2011, p. 146)

Neste entendimento, é possível perceber que a defesa da intérprete 2 está na garantia de não impor nossa cultura sobre a cultura surda. Pois

Marcar a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congrega pessoas em torno de uma proposta política. Manifestações de movimentos surdos possibilitaram a elaboração de outras representações de experiências linguísticas e culturais de pessoas surdas. (KARNOP, 2010, p. 157)

Por conta disso, entende-se ainda mais a importância de ampliarmos as formações, não apenas para entender, traduzir e comunicar-se com o surdo, mas também para conhecer uma cultura diferente, que tem suas especificidades e a necessidade de conquistar ainda mais seu espaço e a tecnologia pode ajudar neste processo.

Isso ficou claro a partir da entrevista com “Movimento”, quando afirmou que a criança apresentou vários aspectos de desenvolvimento em 2016, mas percebe que foi em 2017 que “deu um salto”, isso porque

Eu penso que no ano de 2017 a criança estava literalmente incluída no grupo em todos os aspectos então pra mim ele se incluía igual, como qualquer outra criança, claro ele tinha suas limitações, mas sempre o planejamento das professoras também contemplava a forma como ele participava. (MOVIMENTO, MAIO, 2018)

Ela ainda associa a essas mudanças a interação com os pares, e a forma como os profissionais da sala conduziram o grupo, em um ambiente de aceitação, do qual também envolveu as famílias. Relata também que as contribuições dos intérpretes foram essenciais, inclusive para derrubar seu próprio preconceito, como conta:

Eu acho que eles tinham três abordagens diferentes de trabalho a intérprete de 2016 tinha uma abordagem com o foco mais na criança e não no grupo. E ela era surda, tinha diferença no trabalho do surdo para o ouvinte. O segundo, era surdo, mas ele conseguia ouvir (usa aparelho), só que ele, penso que ele por ouvir acabava limitando o trabalho com as crianças, mas ele era um excelente profissional também. Mas a diferença mesmo que vi

foi com a Intérprete 2, que eu preconceituosamente achei que não ia funcionar por ela ser surda, pra mim o bom seria alguém ouvinte para que a gente pudesse falar, mas foi um tapa na minha cara, no meu preconceito e ver que não, que ela fez toda diferença na vida da criança, do grupo e da creche como um todo. (MOVIMENTO, MAIO/2018)

Diante desta afirmação, podemos compreender que o Intérprete surdo tomou seu lugar no grupo a partir do movimento das professoras, as quais incentivaram sua participação, cederam espaço para que as crianças pudessem aprender e não apenas a criança surda. Isso fica claro nas palavras de “Levada”, quando afirma que aprendeu muito com o trabalho realizado em 2017, e que isso foi possível quando o intérprete passou a fixar na parede e nos objetos as imagens em Libras para que os professores e as crianças pudessem visualizar e lembrar dos sinais. Ela afirma, “as crianças se desenvolveram muito, tanto é que eles se comunicavam com nosso aluno surdo tranquilamente, conversavam, dialogavam um tempão em Libras. Isso eu achei muito interessante, foi muito prazeroso”. (LEVADA, MAIO/2018)

“Observadora” também afirma, “eu achava legal, porque todas as crianças participavam, queriam ensinar, estar sempre atenta, e quando eles iam para o refeitório que tinha as imagens, ficavam perto dele para ele poder também estimular a falar”.(OBSERVADORA, MAIO/2018)

Compreende-se nesta fala que a Língua de Sinais facilitou a comunicação entre os pares, da qual as imagens distribuídas na sala de aula podem ser compreendidos como uma tecnologia, embora simples, mas de informação. Se apenas imagens fixadas na parede teve um papel importante na inclusão desta criança, quanto mais são as tecnologias digitais de comunicação e informação.

Podemos nos apoiar na resposta de outra entrevista quanto questionada sobre o trabalho de 2016 e 2017 para refletirmos sobre isso.

a contribuição de cada uma foi em focos diferentes... a trajetória da pessoa influenciou no trabalho... no primeiro ano a pessoa não tinha a experiência de estar no lugar da criança. [...] Por exemplo de não ter a audição como principal recurso, né? Isso influenciou a forma de ensinar LIBRAS... Penso que foi válido no sentido de ensinar alguns conceitos básicos... foi muito mais significativo no último ano com relação a forma como foi conduzida. Porque a LIBRAS não é apenas o aprender a LIBRAS. É também como é a socialização desta criança surda. Então é diferente você não ser surdo e ensinar LIBRAS, e você ser surdo e conviver neste ambiente. A criança vê até essa questão da convivência e da socialização. (INTROVERTIDA, ABRIL/2018).

Ainda quanto ao papel do intérprete de LIBRAS, a mãe da criança abaliza,

Eu percebi, que os sinais que eu não sabia ele me ensinou, e a comunicação entre ele e as outras crianças, foi bem mais fácil, eles conversando em Libras mesmo, porque o sinal que nós conversava era sinal, mas não era as LIBRAS correta né? No final ele que acabava me ensinando a ir no banheiro, tudo, a comer, como era na LIBRAS correta, e foi muito bom o desenvolvimento dele por causa disso, e agora ele pode conversar com outras pessoas também né? [sic] (MÃE, ABRIL/2018)

Ela afirma que o trabalho realizado pelos intérpretes foram importantes, mas complementa que, com as intérpretes surdas, foi mais significativos para a criança, já que esta não se identificava com o intérprete ouvinte. “Levada” também confirma isso quando aponta que,

Nós tivemos a experiência de ter dois “modelos” de intérprete. O auditivo, o que fala e que interpreta LIBRAS, mas que também escuta. E tivemos uma que não escutava e se comunicava só em LIBRAS. A experiência pra mim como professora, auditiva, eu preferi o que fala e escuta, porque a gente conseguiu socializar melhor com a turma, e eu me senti mais tranquila de trabalhar com alguém assim desta forma e todas as crianças também. Eu acho que a produção do grande grupo é melhor. Mas pra criança surda, a pessoa que só fala em Libras, eu acho que é mais interessante porque força mais essa coisa de trabalhar LIBRAS. porque às vezes você acaba falando e esquecendo da LIBRAS, e quem não escuta e nem fala, se obriga falar só em LIBRAS para criança que é surda e muda. Eu acho que o intérprete que não fala e não escuta é melhor, eu acho que eles interagem mais. [sic] (LEVADA, MAIO/2018)

Neste entendimento a socialização e a interação é algo inerente ao ser humano, dentro e fora da escola, e as tecnologias de comunicação e informação, podem ser utilizadas para aproximar os sujeitos, para compartilhar saberes e culturas.

“Introvertida” aponta que o interesse de outros profissionais na comunicação mais próxima com o “Intérprete 2,” e no interesse em aprender a Libras,

[...] só apareceu um pouco mais, quando esses sinais começaram a sair de dentro da sala. A partir do momento que o sinal tava dentro da sala, que a criança estava dentro da sala, que a situação estava sendo encaminhada com o projeto dentro da sala, ninguém se interessava. Quando foi colocado o sinal do refeitório, nunca me esqueço, todo mundo tentava fazer o sinal, e uma ria com o sinal da outra. Eu me lembro que uma saiu pelo corredor rindo imitando o tal do feijão. Olha, era Hilário! Mas assim foi a forma que o grupo começou a manifestar interesse. (INTROVERTIDA, ABRIL/2018)

Assim, a partir das entrevistas, foi possível demarcar a importância não apenas do intérprete, mas da ação conjunta deste e dos professores, pois o

intérprete sozinho na sala não há a garantia da inclusão, é preciso um trabalho para fortalecer os relacionamentos e o entrelaçamento das culturas.

Por outro lado, a pesquisa também mostrou que pouco sabemos da cultura surda e queremos a todo custo submeter a nossa cultura, cultura do ouvinte. Isto pode ser evidenciado na entrevista com a “Introvertida” quando afirma,

A Libras é uma das duas línguas oficiais do Brasil, [...] Mas a gente só usa o português. E se formos perguntar para a maioria dos profissionais que nós temos aqui, trazer essa informação, a maioria vai se surpreender, porque não é o conhecimento que a gente tem. Eu fui descobrir agora, 7 anos depois de formada e trabalhando. [...] (INTROVERTIDA, MAIO/2018)

Lodi (2006) aponta que a Libras pode ser primeira língua para o surdo, desde que lhes dê a oportunidade de conviver com outras pessoas que também falam essa língua fluentemente, da qual deve ser reconhecida e valorizada da mesma forma que a língua portuguesa. Neste movimento, segundo a autora, poderá reconhecer a si mesmo pelo olhar do outro.

“Introvertida” aponta que, ao refletir sobre as práticas e posicionamentos das pessoas, percebe que nem sempre olhamos para o lado, para o próximo, e por isso algumas práticas dentro das instituições passam despercebidas, pois não é compartilhada com seus pares. Ela relatou sobre o momento do “café dos professores” do qual pareciam ignorar a intérprete que se sentava junto,

[...] por exemplo com o espaço da mesa de café, que é espaço onde pra gente, pra nós ouvintes, uma fala uma coisa de um lado, a gente ri, outra fala de outro. Mas a realidade de ter uma pessoa que a forma de linguagem é Libras, como inserir ela no momento tão simples que é o do café? [...] Porque não é assim, “ah mas eu conversei com fulano pelo *WhatsApp*!” Tá, mas se você conversa com *WhatsApp* escrito, então você não tá se interessando em aprender a Libras. Você está simplesmente trazendo o conceito de Boaventura de colonialismo, você está simplesmente submetendo a cultura surda a cultura do ouvinte. Não estás querendo aprender sobre a outra cultura, tu estás querendo reduzir a ela e chegar uma coisa que seja comum aos dois. Tu não está se apropriando, você está de certa forma passando por cima da outra cultura. (INTROVERTIDA, MAIO/2018)

Perlin reafirma isso, quanto enfatiza o culturalismo de acordo com Thompson (2005):,

[...]sempre atrela os olhares e as formas de representação do mundo – e da alteridade – a uma ideologia que mantém na subalternidade modos outros

de ler, inventar, escrever o mundo e as relações sociais. Se assim considerarmos, pode-se dizer que as formas de representar, pesquisar e escutar o surdo estão fortemente marcadas por uma concepção falante e ouvinte de normalidade. Dito de outro modo, são atravessadas por traços simbólicos que geram o efeito de naturalização da superioridade (normal) das culturas ouvintes sobre as surdas (vistas como subalternas ou deficitárias). (PERLIN, 2006, p. 139)

Todavia é possível compreender também que, ao realizar tais ações, na maioria das vezes, não se faz com essa intenção. Mas talvez nos falte, conforme aponta Heidegger (2001) *apud* Souza (2011), um pensamento que reflete,

O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável. (HEIDEGGER, 2001, p.22 *apud* SOUZA 2011, p.2)

Deste modo, podemos entender que o pensamento que calcula, muitas vezes, se sobressai em nossas ações, já que nos apropriamos das tecnologias de modo a preencher as lacunas. Porém é preciso voltar ao pensamento que reflete e procurar caminhos para que a inclusão de fato aconteça.

Com relação ao *WhatsApp*, sendo esta uma tecnologia digital de comunicação e informação, pela fala da “Introvertida” foi algo que se apresentou como uma prática negativa, como imposição de nossa cultura sobre a cultura do surdo. Por outro lado, conforme observação nos materiais e registros, bem como na entrevista com “Brincante”, percebe-se que o *WhatsApp* era utilizado na comunicação com a intérprete surda, como um movimento de inclusão e não de exclusão, visto que o celular foi a forma encontrada para melhor se relacionar com a mesma naquele momento inicial, já que ela não fazia leitura labial e as professoras não falavam na Língua de Sinais. Nas palavras de “Brincante”,

Foi importante também a questão da tecnologia para a gente se comunicar com a intérprete que era surda [...] a gente ainda não tinha conhecimento amplo de Libras e ficar só escrevendo na folha de papel era muito difícil a comunicação, então a gente utilizava *WhatsApp* para poder conversar com ela, no sentido que quando a gente falava ela usava um programa para decodificar na escrita a nossa fala. Eu acho que foi fundamental para desenvolver um trabalho coletivo e interativo, tanto com as crianças quanto com as professoras. (BRINCANTE, MAIO/2018)

O fato é que o professor de Educação Infantil quando se depara com alguns desafios, que sua formação inicial não dá conta, ele procura dois caminhos, cruzar os braços ou buscar estratégias que podem auxiliar no processo, o que muitas vezes pode dar errado, visto que são experimentos.

“Brincante” aponta que,

Eu acho que a maioria das pessoas, os professores, tem um pouco de receio, um pouco de medo de errar um pouco, medo de falar o que não que não deveria ter falado e também um pouco de dificuldade com relação a memorizar o sinal para identificar determinada palavra. (BRINCANTE, MAIO/2018)

Ela afirma que, para aprender Libras, precisaria da formação continuada, mas concorda que o fato de ter um profissional de Libras na instituição faz toda diferença e possibilita que outras pessoas fiquem mais abertas para aprender.

Quando questionado aos intérpretes como você percebe o envolvimento dos professores e demais funcionários na aquisição da língua de sinais, ficou claro que há um movimento para tentar se envolver e aprender, mesmo com erros e acertos.

Percebi que os funcionários e professores têm afeto e carinho com a criança surda. E em relação da aquisição da língua de sinais, os funcionários não sabiam, algumas professoras da criança surda, se envolviam a adquirir a língua de sinais, perguntava para o professor de LIBRAS alguns sinais, algumas frases quando queria dizer para a criança surda. (INTÉRPRETE 1, MAIO/2018)

Em Santa Catarina, na maioria das escolas os professores tentam aprender alguns sinais. Entretanto é um longo caminho para explicar que sinais soltos não formam a gramática e que o aluno não aprende se não tiver exemplo. (INTÉRPRETE 2, MAIO/2018)

Essa perspectiva vem ao encontro de momentos quando o professor de Educação Infantil recebe uma criança surda, e esbarra-se em questionamentos de como fazer, como não excluir, como garantir participação e o que pode ajudar a incluir. Em busca das respostas temos materiais geralmente produzidos por pessoas que não são surdas e que só por isso já não atendem as expectativas. Perlin e Strobel já se posicionaram quanto a isso.

Nós não podemos deixar de reconhecer que a história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios do povo surdo têm sido organizados

geralmente no ponto de vista dos sujeitos ouvintes e não dos sujeitos surdos que, quase sempre, são incógnitos como profissionais que poderiam contribuir com suas competências essenciais e de sua diferença do Ser Surdo. (PERLIN; STROBEL, 2006, s/p)

Assim, diante dos questionamentos que perpassam as vivências dentro do campo da pesquisa e com auxílio nos materiais de vídeos, fotografias e registros, o que se percebe é que, os “erros” foram provenientes de tentativas de acertos e que as tecnologias não foram utilizadas apenas para inovar a prática, nem apenas como ferramenta, mas era um caminho em busca da inclusão e do empoderamento. Caminho este que muitas vezes são fechados, como aponta “Introvertida” sobre o movimento de participação dos profissionais no uso da linguagem em LIBRAS,

Eu penso que sim, foi positivo no sentido de muitas pessoas, que eu vi, que não tinham esse interesse, começaram a perguntar, ir atrás, querer curso, a saber sobre. Da nossa parte também, a gente tentou uma articulação para que tivesse pelo menos o mínimo de formação, um pouco sobre a questão da Libras, mas também esbarrou em outras questões, pessoas que dificultaram acesso. (INTROVERTIDA, MAIO/2018)

O que se percebe na fala da “Introvertida” é que há profissionais que querem se apropriar neste novo jeito de se comunicar, que querem que a inclusão de fato aconteça, querem ampliar seu conhecimento sobre a cultura surda, porém esbarram na falta de formação inicial, continuada e até em pessoas que dificultam o acesso para que essa inclusão aconteça, inclusive algumas pessoas que deveriam ter mais interesse na inclusão, como é o caso das pessoas surdas, já que em alguns momentos também verificou-se que “suas convicções” esbarravam na tentativa de garantir que a criança participasse das propostas cotidianas da Educação Infantil, como é o caso da música, da qual percebia-se certa resistência por parte do Intérprete 2, quando entendia-se a necessidade de traduzir a música na Língua de Sinais. “Introvertida” compreende que a música é algo que deve ser pensado ao trabalhar com as crianças surdas já que esbarra na dimensão de ritmo, que a criança não tem, afirma que não é só traduzir a música, pois esbarra em outras questões.

“Interprete 2” aponta sobre isso quando afirma, “o uso indiscriminado do som e de músicas por exemplo, não tornam a ferramenta efetiva para crianças surdas” e

Na maioria das vezes o profissional (primeiro professor) não sabe lidar com as crianças surdas. Propõe músicas traduzidas acompanhando o português

e poesias. Caso a adaptação do material não seja adequada a criança não vai participar, não vai receber informação. (INTÉRPRETE 2, MAIO/2018)

Neste entendimento, como aponta Lodi e Lacerda, há casos em que é observado um trabalho de contribuição entre intérpretes e professores dos quais levam os alunos surdos a compreensão e, com isso, a inclusão; porém há casos em que a responsabilidade da criança é passada para o intérprete, criando-se um trabalho paralelo e não de inclusão.

Sendo a música um importante elemento no planejamento da Educação Infantil, observa-se que o primeiro professor, ao querer que a criança participe das propostas, não tem o interesse de ignorar a limitação da criança, mas sim garantir sua participação em todo momento. Por isso é importante uma adaptação adequada do material e as tecnologias poderiam contribuir neste aspecto, além de aproximar professores e intérpretes.

“Brincante” aponta a diferença entre os intérpretes; para ele, o intérprete ouvinte tinha mais facilidade de trabalhar com a música porque ele conseguia transpor a emoção, os sentimentos daquela música pra criança surda. Essa sensação era diferente com a intérprete que não ouvia, já que ela “tinha muita dificuldade porque precisa trabalhar a música compartimentada através das palavras que ela lia e na música que a gente escrevia” (BRINCANTE, MAIO/2018).

Por isso, em relação ao surdo, considerando a música e a poesia um elemento que os limita, deveríamos pensar em outras formas de relação com a música, incluindo-a na cultura surda. Pois, se pensarmos que a atividade com “música” não é uma proposta atraente para criança surda, poderíamos pensar também que uma atividade com dança, uma brincadeira no parque, não é uma atividade interessante para um cadeirante, ou um momento com histórias com auxílio de livro não serve para um cego, e assim estaríamos excluindo. O fato é que quando não se tem alguns conhecimentos, precisa-se criar e garantir a participação, embora de maneira limitada. Por isso é necessário continuar pesquisando para que a exclusão também não aconteça.

Ao observarmos os materiais em vídeos² percebe-se algo além do que foi declarado pela Intérprete 2. Isso porque, em determinado dia, a professora traz em

² Os vídeos fazem parte dos registros da professora e não tenho autorização para disponibilizá-lo no modo público. Além disso, isso esbarraria na identificação da criança e conseqüentemente na ética da pesquisa.

sua proposta uma atividade com música, mas a intérprete não está porque é seu dia de hora atividade, e a criança estará no atendimento da APAE³. Porém, a criança vem a creche porque perdeu o ônibus. A professora resolve dar continuidade à proposta e parece que a criança não será de fato incluída, já que é uma atividade com música. A professora traz para o centro da roda a banda musical (instrumentos) e imediatamente a criança surda quer explorar os materiais, chacoalha o chocalho, sopra a flauta, bate no tambor, no tamborim e no pandeiro. Depois a professora explica ao grupo e também à criança, em forma de gestos, que todos deveriam acompanhar a música “tocando os instrumentos”. Cada criança está com um instrumento, todas tocam animadas, inclusive a criança surda, que para de tocar exatamente ao mesmo tempo que todos os colegas, no final da música. E toda vez que a proposta com os instrumentos se repete, lá está a criança sendo a primeira a explorar os instrumentos.

Outro exemplo é o momento em que a professora traz para sala, a pedido de um grupo de crianças, a caixa de som com microfone para brincadeira de cantar. A criança surda sai de sua brincadeira com outro grupo e vai em direção à caixa. Algumas crianças cantam acompanhadas de uma música. A criança surda também quer participar deste momento, pede o microfone e emite vários sons. Em outro momento, com a caixa de som, uma professora propõe uma atividade com música e balões dançantes. Por um tempo, a criança surda parece interessar-se, mas depois vai até a caixa de som, sente a vibração da caixa e fica responsável por abaixar e aumentar o volume do som. Além destes, outro momento importante foi quando a professora auxiliar chega na sala e as crianças querem mostrar que aprenderam as cores na Língua de Sinais. “Brincante” aponta sobre isso,

Uma das atividades que eu passei junto com elas foi uma música de cores, que a gente utilizou para trabalhar cada cor, para as crianças aprenderem em Libras o sinal das cores. Ficou marcada porque todas as crianças conseguiram aprender, além da criança surda lógico. As cores é algo que está presente no cotidiano da Educação Infantil, quando você escolhe uma tinta, um lápis para fazer a proposta, eu acho que isso foi bem marcante porque até o final do ano as crianças ainda sabiam os sinais e quando elas iam pedir uma canetinha, uma tinta, alguma coisa relacionada a cor a outras professoras, elas sempre faziam o sinal em Libras, independente se a criança surda estava ou não, eu acho que isso foi essencial. (BRINCANTE, MAIO/2018)

³ Associação de pais e amigos do excepcional.

Deste modo, não podemos deixar de incluir a música nas propostas com crianças pequenas, nem limitar a participação da criança surda, já que ela pode ter uma experiência importante mesmo com sua limitação.

Por outro lado, a preocupação da “Intérprete 2” relacionada à música é compreensível no sentido de que ela também atua na defesa de uma diferença cultural, conforme aponta Perlin (2011), pois reflete na experiência de cultura do surdo e na posição de poder que deve assumir para livrar-se dos equívocos que os ouvintes têm:.

Essa diferença requer que os processos tradutórios, em si, contenham significâncias que incidam a produção de sentido cultural enfatizados no próprio ato de tradução/interpretação. Ela requer, ainda, ser permeada por políticas da diferença, certamente em perspectivas que incidem de forma fortalecedora da cultura, que seguramente poderão causar mal-estar a cultura dominante. É preciso dizer que não se trata de uma deformação da cultura dominante, mas, um claro direito à diferença, à construção cultural de forma diferenciada. (PERLIN, 2006, p. 143)

Todavia ainda estamos longe de tal entendimento, e, por isso, é preciso buscar caminhos para que a inserção do surdo na escola de ouvinte seja para incluir e não para excluir, e a utilização das tecnologias digitais de comunicação e informação pode ser uma contribuição.

A televisão e o *notebook*, com auxílio de *Datashow*, também foram tecnologias que ampliaram o trabalho de integração das crianças, inclusive da criança surda, pois foram utilizadas para apresentar várias histórias às crianças, entre estas contos clássicos com interpretação em Libras, oportunizando às crianças uma nova forma de ler o mundo.

Um fato interessante aconteceu nos dias em que da troca de intérpretes, quando, por alguns dias, a turma ficou sem esse profissional. Neste tempo, as professoras do grupo apresentaram um vídeo do *Youtube*⁴ da história “A galinha ruiva”, desta vez com um movimento diferente. A história era em vídeo, mas era representada em forma de teatro e utilizando a língua de sinais. Todas as crianças assistiram, inclusive a criança surda. Ao final a professora sentou na roda e conversou sobre a história e as crianças pediram para interpretá-la em forma de teatro para toda creche. A criança surda logo entendeu a proposta e foi buscar uma fantasia para seu personagem, interpretando-o dentro do proposto. Assim podemos

⁴ Vídeo Galinha Ruiva em Libras <https://www.youtube.com/watch?v=6ImXseIFNAQ>

concordar que as tecnologias digitais de informação e comunicação podem contribuir para diminuir a falta da formação em Libras, já que podem nos aproximar desta cultura.

Podemos compreender que ainda há dúvidas dentro do ambiente escolar sobre o uso e aprendizagem da LIBRAS e, conforme as entrevistas aqui apresentadas, não é apenas treinar, mas treinamento também faz parte. E, neste sentido, as tecnologias podem auxiliar, conforme apresentado nos materiais em vídeos. Isso porque, após a Intérprete 2 ter colocado as imagens nos materiais da sala, outro problema foi apresentado, já que as imagens são estáticas e o movimento de Libras não. As professoras e as crianças se deparavam com a imagem, mas apenas olhar não mostrava como movimentar. Neste sentido, o papel das professoras foi importante porque, com auxílio do *smartphone*, incentivaram a Intérprete a ensinar os movimentos para que a filmagem pudesse ser utilizada em outros momentos quando a intérprete não estava e também para compartilhar com a mãe, já que ela ainda não se apropriara da Libras. Quanto a isso, Karnop aponta,

Além da escrita, outras formas de documentação, como filmagens, são fundamentais para o registro de formas linguísticas que vão se perdendo ou se transformando. Para uma comunidade de surdos manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais são indispensáveis na criação de bibliotecas visuais e podem contribuir para uma escrita posterior, com traduções apropriadas. (KARNOP, 2010, p. 162)

Karnopp (2004) afirma que o professor que atua com alunos surdos deve ter conhecimento da Língua de Sinais para que considere a diferença linguística e cultural dos surdos. Neste movimento o que podemos compreender é que aprender LIBRAS já não é uma opção, mas uma necessidade sentida na prática e que pode ser melhorada com as tecnologias, conforme temos apresentado aqui. Como aponta Campello (2016),

A Libras é o meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda e brasileira, bem como responsável pelos avanços tecnológicos que permitem as trocas de conhecimento, principalmente por meio das narrativas e gírias em Libras existentes, criadas e registradas pelos próprios Surdos que objetivam, entre outras coisas, difundir sua língua, identidade e cultura, nas escolas. (CAMPELLO, 2016, p. 104)

A mãe da criança afirmou que,

Ainda existe muito preconceito, tem muita coisa pra ser alcançada, que eu acho que, intérprete teria que ter em posto de saúde, teria que ter em todos os lugares, dentro do hospital para se comunicar com os médicos e não tem ainda, infelizmente a gente enfrenta isso aí. [sic] (MÃE, ABRIL/2018)

Novamente a comunicação aparece como um problema a ser resolvido para a socialização do surdo e o papel do intérprete na instituição aliado à mediação do professor se torna fundamental. Nas propostas em sala o uso das tecnologias esteve presente, desde as mais simples como o uso de imagens, retroprojeter, aparelho de som, como as tecnologias digitais de comunicação e informação, como a televisão, máquinas fotográficas, *notebook e smartphone*. “Brincante” faz um relato importante sobre o trabalho com as tecnologias com as crianças,

Eu acompanhei bem o trabalho com as crianças do Grupo 5/6 porque na época eu era a professora volante e entrava muito nessa sala para trabalhar junto com os profissionais da sala. Esse movimento aconteceu de uma forma interativa, as crianças interagiam diretamente com as tecnologias, elas usavam o celular e usavam o computador da professora. Até um dia eu brinquei com a professora “Nossa que coragem, botar teu celular nas mãos delas!” (BRINCANTE, MAIO/2018).

“Brincante” também afirma que este movimento era bem apreciado pelas crianças, das quais aprendiam algumas técnicas de filmagem, que eram percebidas em suas falas: “Olha, cortei o pé da amiga, cortei a cabeça, quero mostrar a árvore, quero mostrar a flor”. (BRINCANTE, MAIO;2018). Ela ressalta que,

Foi um trabalho que tinha tecnologia presente em todos os momentos e que as crianças participavam do processo de forma criativa, inclusive a criança surda, participava mais do que todas as outras, porque quando ela via que alguma tecnologia estava sendo preparada, como celular, a televisão, ele já ia em direção a tecnologia e se sentia atraído por ela. Eu acho que isso fez uma grande diferença no trabalho com ele porque ele conseguia ver melhor a questão da reprodução das imagens e apesar de não estar escutando o som, eu acho que ele se sentia mais interado do movimento do que estava acontecendo na sala. (BRINCANTE, MAIO/2018)

De acordo com os registros, percebe-se que as tecnologias eram planejadas e com uma proposta de trabalhar com, para e através do cinema, em um processo de coautoria com as crianças.

Já “Introvertida” aponta um olhar diferente em relação as mídias, afirma que em alguns momentos as tecnologias foram adaptadas para criança surda, porém se sentiu incomodada em alguns momentos e relata um episódio em que foi programado um cinema no teto da escola. Ela afirma que todas as crianças puderam acompanhar o enredo da história em vídeo e áudio, mas para criança surda não foi disponibilizado o recurso da Libras, e, por isso, ela teve que imaginar o enredo. A entrevistada questiona: “Tá vamos usar a mídia. Mas em que medidas? Não digo que a gente não tenha que ir atrás de construir recursos, nós temos que construir, mas quanto de material neste sentido para utilizar?”

Para responder este questionamento precisamos entender as mídias não apenas como recurso; elas precisam ser utilizadas como um meio para ação, para produção criativa e para o protagonismo infantil, fato que pode ser observado nas propostas que culminaram em um curta sobre as brincadeiras no parque como um direito. Todavia,

Equívoco é pensar que a experiência visual se restringe ao uso de recursos visuais, pois ela se refere a diferentes formas de se estar no mundo e de significá-lo; diz respeito a outras formas de se relacionar com o meio, com as pessoas (surdas ou ouvintes), com as tecnologias. (PERLIN 2004, p. 78).

“Introvertida”, novamente aponta para as tecnologias como um recurso e por isso destaca como a mais eficiente a fotografia, “a imagem em vez da filmagem”, novamente apontando para a falta de áudio como limitador da vivência plena da criança; ela entende que a criança não pode ter uma experiência plena com essa limitação e que muitas vezes colocamos as crianças no mesmo “saco”.

Ela aponta que há outras forma de linguagem apontadas nos documentos norteadores que podem ser apresentadas as crianças. Não desconsidera as tecnologias, mas a vê com utilidade para pesquisa e acervo. Quanto a isso, este trabalho apresentou propostas plenas mesmo com a falta de algum sentido – mesmo respeitando a experiência e visão da entrevistada, é preciso apontar que, como resultado desta pesquisa maior, encontramos outros fatores que devem ser considerados na análise desta situação.

Neste sentido, Pereira (2014) entende que, mesmo com toda criatividade e expressão oportunizada pelas tecnologias digitais, ainda o que se vê em muitas escolas é que reafirmação de antigas concepções, “nas escolas trocamos muito

mais facilmente de suporte – do quadro negro para a lousa digital, do livro impresso para a internet – do que de paradigma.(PEREIRA, 2014, p. 39). Assim, é importante destacar que não se defende a tecnologia isolada, mas como uma ferramenta de apoio ao professor.

Como mostrou “Movimento”, ao afirmar que as tecnologias são importantes e que contribuíram bastante no trabalho com o grupo porque as professoras sempre traziam filmes e a intérprete também. Ela aponta para o uso com a máquina fotográfica, a criação do filme e o uso das tecnologias de forma significativa. (MOVIMENTO, MAIO/2018)

Quando questionado sobre as atividades realizadas com os aparatos tecnológicos que mais se destacaram com o grupo, “Brincante” faz o seguinte relato,

Eu acho que a principal foi a filmagem do curta, porque foi um projeto do ano inteiro praticamente, onde elas se envolveram diretamente e tiveram que escolher os locais que iriam realizar as filmagens, quem iria participar em um momento, quem iria participar no outro. Eu acho que a filmagem é bem importante, mas eu também destaco o trabalho com a música. (BRINCANTE, MAIO/2018).

Em relação à música “Brincante” aponta que ela e as professoras do grupo passaram uma música pelo *WhatsApp* para a intérprete fazer tradução para LIBRAS. Assim as crianças puderam aprender a cantar e ao mesmo tempo faziam os gestos em libras; isso foi essencial para as crianças verem que é possível uma criança surda também participar da música, da história e outros momentos. Ela afirma,

Na verdade eu participei do projeto diretamente porque eu ajudei nessa interpretação da música em Libras, eu aprendi os gestos, eu também fui uma aprendiz deste processo, eu estive diretamente relacionada com a intérprete e fui aprendendo com ela. A medida que ela foi me ensinando e explicando, fui aprendendo também como que é o sentimento do surdo com a música. (BRINCANTE, MAIO/2018)

Na opinião do “Intérprete 2”, as tecnologias podem contribuir desde que,

sejam aplicados técnicas e materiais para que o sujeito surdo tenha acesso ao recurso. Na maioria dos casos os professores apenas mostram imagens. A adaptação de materiais com personagens surdos pode fazer com que a criança tenha uma identificação, e aí sim, o recurso tecnológico torna-se efetivo...contribuem, desde que aplicadas de forma correta (INTÉRPRETE 2, MAIO/2018)

“Intérprete 2” concorda que as tecnologias contribuem porque

a aquisição de primeira língua das crianças surdas é a língua de sinais determinada a sua nacionalidade. Como a língua de sinais é a modalidade de visual espacial, portanto, é útil usar os recursos tecnológicos, assim como, computador, televisão que mostram recursos visuais como imagens e vídeos em língua de sinais, vídeos em áudio (língua oral) com interpretação de língua de sinais.

Assim, com os relatos aqui apresentados, foi possível perceber que há, em alguns momentos, opiniões contrárias que precisam ser mais aprofundadas e compreendidas. Todavia, ao refletir sobre a inclusão da criança percebe-se que houve um movimento de utilizar as tecnologias para que esta inclusão acontecesse, mesmo sem a certeza inicial de que daria certo. Isto porque, no ano de 2017 mesmo com toda dificuldade inicial de adaptação da criança surda, pelo fato de talvez não se sentir parte do grupo, ou acolhida pelo mesmo, o uso das tecnologias na sala de aula foram estratégias para que ela também se sentisse incluída.

Naquele momento inicial, percebia-se que a criança surda ainda não dominava nem um sinal da LIBRAS, embora tivesse, no ano anterior, uma professora para isso, o que leva a compreensão que faltava a relação e socialização deste conhecimento com seus pares. O fato é que, os professores traziam propostas que poderiam ser interessantes, mas não se tinha a certeza que pudessem causar algum impacto na inclusão da criança.

Uma das estratégias foi trazer histórias com auxílio do notebook, das quais trouxeram movimentos aos personagens, o que chamou sua atenção para outros momentos com histórias. As histórias em vídeos que eram representadas em forma de teatro também foram significativas para essa criança, até porque neste momento atendia ao interesse do grupo inteiro e portanto passou a se sentir incluído a partir de propostas compartilhadas.

Desta forma, nos momentos com histórias, a professora e o intérprete auditivo (utilizava aparelho) se posicionavam na frente da criança para que este pudesse acompanhar as imagens e os sinais interpretados. Embora sorrisse e as demais crianças fossem se apropriando de alguns sinais, a criança surda parecia não compreender muito o movimento.

Até que determinado dia, no momento do parque, o intérprete e uma das professoras aproveitavam o momento para interagir mais com a criança surda, já que este ainda não interagia muito com seus pares (crianças). Neste movimento

foram apresentando os objetos do parque e os recursos naturais para que o mesmo fosse se apropriando da LIBRAS, mas apesar de sorrir, quando questionado o que era, a criança parecia não compreender. Algumas crianças curiosas com a intervenção com a criança foram se aproximando e também tentavam ajudar. Em determinado momento, o intérprete apresentou uma flor, repetiu os gestos e foi ali que percebeu-se que ela havia compreendido, pois passou a repetir o sinal e mostrar a flor. As crianças que estavam próximas também vibraram com o acontecimento e nos demais dias as aprendizagens foram se tornando muito mais fácil para criança surda.

Passado algum tempo, foi possível perceber certo empoderamento e uma aproximação com as demais crianças, que passaram a convidá-la para brincar. O choro inicial foi diminuindo à medida que os professores e as crianças lhe cumprimentavam na Língua de Sinais. A mãe também foi aprendendo e se sentindo mais confiante.

A troca de intérprete, que inicialmente parecia ser algo negativo por não ser ouvinte e esbarrava também na formação dos professores, foi logo compreendida como algo favorável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desta pesquisa, compreende-se que ela não termina aqui, pelo contrário, é apenas o início, um “pontapé” inicial, para um longo caminho que é entender a importância do uso das tecnologias digitais nos diversos segmentos da educação e da inclusão. Porém, por hora, nos lançamos a compreender sua importância na inclusão de uma criança surda em uma Creche da Rede Municipal de Florianópolis.

No que diz respeito a essa criança, entende-se que as tecnologias contribuíram com sua inclusão de diferentes maneiras. Primeiro, na parte mais importante, que é a socialização, visto que, no ano anterior, o que se percebia e o que se compreendeu com apoio das pesquisas é que a criança estava inserida no espaço, mas não nas relações com os outros.

Isso porque, com as diversas propostas com o uso das tecnologias, a criança surda tornou-se mais participativa, mesmo que ela parecesse limitada pela falta de audição, com isso, o relacionamento com seus pares passou a acontecer sem interferência dos professores. As crianças foram aprendendo e colaborando na inclusão da criança surda, e a criança surda foi se sentindo empoderada. Ao final do projeto, a criança passou a se comunicar melhor, participando de todas as propostas e liderando brincadeiras.

Porém, para chegar a este resultado, a contribuição das tecnologias ficou evidente, primeiro porque auxiliou os professores na comunicação com a intérprete a partir do *whatsapp*, e com isso buscou-se um trabalho de colaboração e compartilhamento do tempo e do espaço. Segundo porque permitiu que se ampliasse o conhecimento de diferentes sinais a partir de vídeos na sala e, posteriormente, nas famílias das crianças do grupo. Isso porque, no relato de algumas famílias, as crianças pediam para colocar no canal do Youtube vídeos para aprender a falar com o colega surdo. Observou-se resultados com esse procedimento, pois a inclusão saiu dos muros da escola, já que as famílias também eram contagiadas pelos interesses de seus filhos.

Outra contribuição foi a construção do curta metragem, que contou com a participação das crianças em todas as dimensões. Já que as crianças não foram apenas protagonistas, mas participaram de todas as etapas, desde a construção do

enredo, a organização do elenco e das filmagens. Essa experiência foi empoderando a criança surda, que queria participar de todas as gravações.

Este empoderamento foi tão significativo que, depois de algum tempo, estava se tornando um problema, já que a criança passou a se sentir tão importante que já não acatava as orientações das professoras e batia de frente com a intérprete. Neste caso foi preciso mostrar a criança que o que estava fazendo não era legal que precisava respeitar tanto quanto era respeitado, e a participação da família foi essencial neste processo.

Com a contribuição nos estudos de Paulo Freire, foi possível chegar ao final desta pesquisa com a compreensão de que a virtude de ser professor acontece nesta busca por um trabalho de qualidade do qual buscou incluir esta criança, fazendo com que o mundo fosse menos injusto à ela, isso porque incluir não é apenas colocar em uma escola regular, mas é dar condições para o desenvolvimento pleno garantindo seus direitos de ser criança.

Outra compreensão a se considerar é que esta busca por uma escola para surdos é legítima, pelo menos com as reais condições das escolas nos dias de hoje e da formação do professor. Isso porque a escola nem sempre está preparada com os recursos tecnológicos e materiais, e a formação do professor ainda é insuficiente quando se trata de inclusão e do uso das tecnologias.

Isso não quer dizer que é impossível fazer um trabalho de qualidade e inclusão, muito pelo contrário. Esta pesquisa vem mostrar que, mesmo com poucos recursos, sem formação e com as contradições que se encontram dentro das escolas, ainda é possível fazer um trabalho de qualidade e incentivar outros a continuar pesquisando. Não cabe aqui apontar um discurso e fazer outra prática, é preciso pensar certo. Para isso, é preciso um trabalho de colaboração, de engajamento mútuo, de respeito às diferentes culturas e do uso criativo e crítico das tecnologias, que só pode ser alcançado quando se deixa ser guiado pela curiosidade, pelo novo e para o risco de perder-se e quem sabe se encontrar nos desvios.

Nesta experiência, podemos compreender nossa função social e histórica, pensando, comunicando, criando e transformando dentro do espaço em que estamos inseridos. Com isso também podemos contagiar outros e construir uma rede de colaborações e transformações na educação das crianças e jovens, bem como em nossa própria formação.

Outra consideração importante é pensar que o uso das tecnologias, bem como a inclusão, não é mais uma necessidade e sim um direito garantido nos documentos norteadores, portanto devemos fazer todo um esforço para inserir dentro de nossa prática pedagógica e nas experiências dos jovens e das crianças.

Por último, é preciso considerar que a contribuição do Curso Cinema na Escola, da qual esta pesquisadora participou, foi uma oportunidade de formação continuada e gratuita, que ampliou os conhecimentos sobre cinema, educação e comunicação, utilizando de forma criativa, as diferentes tecnologias que fazem parte de nosso dia a dia e trouxe questionamentos que encaminharam a esta pesquisa. Compreende-se assim que há diferentes caminhos que podem ser trilhados para ampliar o uso das Tecnologias na Comunicação e nas Técnicas de Ensino dentro dos espaços de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. *O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação?* Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013

BRASÍLIA. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos*. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Juventude e cultura surda*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. 1 – pág. 104-115 (fev – mai 2016): “Artes de ser professor: práticas, criações e formações” – DOI: 10.12957/riae.2016.24888. Acesso 04/06/2018.

FANTIN, MONICA. *A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas*. 2009, In: GIRARDELLO, G; FANTIN, M. (Org.). Práticas e consumos de mídia entre crianças. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 25ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

_____. *Virtudes do educador*. Vereda. Centro de Estudos da Educação.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008, p. 26-32. Acesso em 25/03/2018.

KARNOPP, Lodenir B. *Literatura Surda. Educação*. Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Acesso em 11/03/2018.

_____. *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPeI | Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010. Acesso em 11/03/2018.

_____. *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

LODI, Ana Cláudia. B.; LACERDA, Cistina B. F. *Uma escola duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Mediação, 2009. Acesso em 11/03/2018.

_____. *A Inclusão Escolar de Alunos Surdos no Ensino Infantil e Fundamental: Buscando respeitar sua Condição Lingüística e suas Necessidades Educacionais*. Disponível em <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/129.pdf> Acesso em 05/06/2018.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Seleção e introdução Celso Castro. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Celso Castro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar; Acesso em 09/03/2018.

PEREIRA, Rogério Santos. *Multiletramentos, tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação*. Florianópolis: UFSC, 2014.

PEREIRA, Silvio da Costa. *Consumo cultural entre professores do ensino fundamental*. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

PERLIN, Gladis T. T. *O ser e estar sendo surdos: alteridade, diferença e alteridade*. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

_____. *O lugar da cultura surda*. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). *A Invenção da Surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. P. 74 – 82

_____. *A cultura surda e os intérpretes da Língua de Sinais (ILS)*. © ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.136-147, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Acesso em 04/06/2018.

_____. *O lugar da cultura surda*. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). *A Invenção da Surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. P. 74 – 82

_____, Gladis. STROBEL, Karin. *Fundamentos da Educação de surdos*. Florianópolis, UFSC 2006. Acesso em 11/06/2018.

SOUZA, Maurini de. *O Ensino Universitário Profissionalizante Confrontado com a Concepção de Heidegger sobre o Pensamento que Reflete e o que Calcula*.

disponível em <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt015-oensino.pdf> acesso em 31/05/2018.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

APÊNDICE 1

Modelo de entrevista com quem esteve próximo ao grupo

ENTREVISTA PARA QUEM ESTEVE PRÓXIMO AO GRUPO. (SUPERVISORA, DIRETORA, SERVENTE, AUXILIAR VOLANTE)

Esta entrevista é parte fundamental do Trabalho de Conclusão de Curso, da pós-graduação “Tecnologias, Comunicação e métodos de ensino” da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tem como foco um estudo de caso percebendo a relação das tecnologias na inclusão das crianças, em especial, da inclusão de uma criança surda no grupo 5/6 B no ano de 2017. Sendo primordial a participação das pessoas que acompanharam e auxiliaram neste processo, sua participação se torna essencial.

Como participei do grupo, estou agora indiferente a isso, porque me coloco na posição de pesquisadora, e, portanto, nada mais importante é a verdade em relação a esses fatos.

Antes de começar gostaria de informar que, de maneira nenhuma seu nome ou voz será revelado. Mas, para que eu possa te identificar durante a escrita, gostaria que você escolhesse uma característica de criança que servirá de pseudônimo.

Gostaria de saber se você se importa que eu grave essa entrevista em áudio como forma de preservar com fidedignidade sua participação?

1. No ano de 2016 e 2017 essa criança teve 3 interpretes de LIBRAS. Você pode me falar um pouco da contribuição dessas pessoas na inclusão da criança surda?
2. Nas atividades com o grupo 5/6 B, algumas vezes foram utilizadas as tecnologias como a televisão, o computador, a máquina fotográfica, o celular. Como acontecia a inclusão da criança neste sentido?
3. Você pode me informar como era a relação da criança surda com seus pares no início do primeiro semestre de 2017 e no final do mesmo? Você percebe diferenças?
4. Em relação a essa diferença o que você atribui para esta mudança?
5. Como você percebe o envolvimento dos professores e demais funcionários na aquisição da língua de sinais?
6. Das tecnologias utilizadas no projeto, qual (quais) você elegeria como a mais eficiente? Por que?
7. Das atividades realizadas com os aparatos tecnológicos, quais se destacaram? Por que?

APÊNDICE 2

Modelo de entrevista com as pessoas que atuaram no grupo

ENTREVISTA COM AS PESSOAS QUE ATUARAM NO GRUPO

1. Como você vê a participação do intérprete de LIBRAS na sala de aula?
2. Em relação a criança surda do grupo 5/6 B, como você percebia seu desenvolvimento antes de 2017?
3. No ano de 2016 e 2017 essa criança teve 3 intérpretes de LIBRAS. Você pode me falar um pouco sobre a participação desses profissionais na sala de aula?
4. Nas atividades com o grupo 5/6 B, algumas vezes foram utilizadas as tecnologias como a televisão, o computador, a máquina fotográfica, o celular. Como acontecia a inclusão da criança neste sentido?
5. Você percebe alguma contribuição das tecnologias nas propostas com a criança surda?
7. Você percebe diferença na relação da criança surda com seus pares no início do primeiro semestre de 2017 e no final do mesmo?
8. Em relação a essa diferença o que você atribui para esta mudança?
9. Em relação as atividades realizadas na Educação Infantil, como momentos de músicas, rodas de história, rodas de conversa, como você percebia a participação da criança surda?
11. Como você percebe o envolvimento dos professores e demais funcionários na aquisição da língua de sinais?
12. Por último, como você percebe o desenvolvimento das outras crianças em relação a língua de sinais?

APÊNDICE 3

Modelo de questionário aplicado com os intérpretes de Libras

QUESTIONÁRIO INTÉRPRETE DE LIBRAS

Esta entrevista é parte fundamental do Trabalho de Conclusão de Curso, da pós-graduação “Tecnologias, Comunicação e métodos de ensino” da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tem como foco um estudo de caso percebendo a relação das tecnologias na inclusão das crianças, em especial, da inclusão de uma criança surda no grupo 5/6 B no ano de 2017. Sendo primordial a participação das pessoas que acompanharam e auxiliaram neste processo, sua participação se torna essencial.

Como participei do grupo, estou agora indiferente a isso, porque me coloco na posição de pesquisadora, e, portanto, nada mais importante é a verdade em relação a esses fatos. Antes de começar gostaria de informar que, de maneira nenhuma seu nome será revelado. Mas, para que eu possa te identificar durante a escrita, gostaria que você escolhesse uma característica de criança que servirá de pseudônimo.

1. Nos dias de hoje, a comunidade surda está se empenhando para que seus direitos sejam validados e que a comunicação com os pares seja garantida na língua de sinais. Como você percebe a importância do intérprete de LIBRAS na Educação Infantil?
2. Em relação a sua entrada na creche e a saída, você percebeu avanços no desenvolvimento da criança surda na aquisição da LIBRAS?
3. Nas atividades com o grupo 5/6 B, algumas vezes foram utilizadas as tecnologias como a televisão, o computador, a máquina fotográfica, o celular. Essas tecnologias contribuem com a inclusão da pessoa e criança surda? Por que?
4. Você percebe alguma contribuição das tecnologias nas propostas realizadas em sala? (por exemplo do celular, da televisão, do computador)
5. Em relação as atividades realizadas na Educação Infantil, como momentos de músicas, rodas de história, rodas de conversa, como você percebia a participação da criança surda?
6. No que diz respeito as relações estabelecidas pelas crianças com a criança surda como você avalia essa situação?
7. Como você percebe o envolvimento dos professores e demais funcionários na aquisição da língua de sinais?
8. Por último, como você percebe o desenvolvimento das outras crianças em relação a língua de sinais?

9. Tem algo que não foi perguntado e você considera importante para esta pesquisa?

APÊNDICE 4

Modelo de entrevista com a mãe da criança surda

ENTREVISTA COM A MÃE DA CRIANÇA SURDA

Esta entrevista é parte fundamental do Trabalho de Conclusão de Curso, da pós-graduação “Tecnologias, Comunicação e métodos de ensino” da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tem como foco um estudo de caso percebendo a relação das tecnologias na inclusão das crianças, em especial, da inclusão de uma criança surda no grupo 5/6 B no ano de 2017. Sendo primordial a participação das pessoas que acompanharam e auxiliaram neste processo, sua participação se torna essencial.

Como participei do grupo, estou agora indiferente a isso, porque me coloco na posição de pesquisadora, e, portanto, nada mais importante é a verdade em relação a esses fatos.

Antes de começar gostaria de informar que, de maneira nenhuma seu nome ou voz será revelado. Mas, para que eu possa te identificar durante a escrita, gostaria que você escolhesse uma característica de criança que servirá de pseudônimo.

Gostaria de saber se você se importa de que eu grave essa entrevista em áudio como forma de preservar com fidedignidade sua participação?

1. Como você vê a importância do intérprete de libras no espaço da creche?
2. Desde que seu filho chegou a creche, até os últimos dias, como você percebe seu desenvolvimento?
3. Você percebe mudanças na relação de seu filho com outras crianças no ano anterior e no ano de 2017?
4. Você utiliza a língua de sinais na comunicação com seu filho?
5. Tem algo que não foi perguntado e que você acredita ser importante para esta pesquisa?

APÊNDICE 5

Transcrição da entrevista com professora do grupo: “Alegre”

1. Muito importante pra criança nesse momento e também para os profissionais que estão envolvidos neste processo também é imprescindível, porém eu vejo a dificuldade, não sei se é porque é a única experiência que eu tive. Pelo fato de que o profissional ele seria necessário não ter a deficiência auditiva por que eu senti essa dificuldade pelo fato de nunca ter feito um curso na minha graduação, foi tudo muito superficial. A disciplina de libras, então assim eu vejo assim, eu me senti assim com dificuldade, também tive que aprender. Então se nesse momento fosse um profissional que não tivesse a deficiência auditiva eu penso que seria mais produtivo, mas, também teria que ver o ponto desse profissional também precisa mesmo tendo a deficiência auditiva ele também precisa estar incluso né? Ele também precisa ser incluído, mas eu vejo que o profissional é extrema importância, porém ele precisa interagir com uma criança com os outros e com os profissionais.
2. Percebia que esse desenvolvimento era mais restrito ficava mais.... na questão de não... na língua de sinais propriamente dita, mas sim nos gestos.
3. Dos três profissionais eu tive contato com uma profissional só, que era do período da tarde, porque os outros dois faziam parte do período matutino, então eu não tinha contato. O que eu posso falar, que eu percebia, que poderia... tinha um envolvimento com a criança, mas que poderia ter sido muito mais explorado, muito mais desenvolvido... poderia ter desenvolvido muito mais o trabalho no decorrer desse ano de 2017. Porque assim que começou, assim que ele começou a entender o que era realmente LIBRAS, e de que forma que foi interpretado, ele começou a se desenvolver mais. Então este profissional poderia ter se envolvido mais em sala juntamente com a professora regente, porque só a professora regente não ia dar conta, não dava conta do recado, porque tinha as outras também. Mas mesmo assim, era feito o trabalho muito lindo! Porém, essa profissional eu vejo que poderia ter um desenvolvimento... poderia ter de interagido mais com essa criança, porque depois no final, assim que ela começou a entender, também ela começou a trazer mais materiais para que ele pudesse ir aprendendo desenvolvendo cada vez mais. Mas isso também faltou para interprete um pouco de formação na Educação Infantil, porque ela também não tinha experiência na área. Penso que um olhar da supervisora sobre isso poderia ter contribuído mais com a interprete.
4. A utilização da televisão filmes...sempre foi... procurado filmes que tivesse o interprete para ele estar assistindo juntos, em alguns momentos de falha da parte da intérprete de libras, mas na medida do possível sempre foi incluído essa criança e na parte de celular máquina fotográfica era entregue para criança no momento que foi feito o trabalho com filmagem, para que, ele pudesse também estar filmando, sempre foi incluído nesse sentido, através das filmagens ele também foi incluído, inclusive teve uma participação

especial da filmagem para que ele, a música que foi feita ele pudesse também entender que era que tava sendo falado, por que ela foi interpretada através das línguas de sinais e eu acho que é isso mas sempre foi incluído, agora não me lembro assim de outras de outras.

5. Sim, com certeza! A tecnologia ela é de grande valia pra toda a educação infantil, pra toda a educação no geral e ainda mais para uma criança que é surda. E aí ela vai se sentindo mais nesse processo, ela vai se sentindo mais parte do processo, ainda porque não fica somente na fala do profissional essa comunicação, não fica só nos gestos nas línguas de sinais, com a tecnologia são usados outros meios para que esse desenvolvimento dessa criança aconteça. Então sim, eu percebo que é de grande importância toda a parte de tecnologia que é trabalhado com a criança surda.
6. Como eu posso explicar...porque é assim, como no segundo semestre mudou profe, teve uma diferença em relação ao aluno surdo. Porque a primeira professora era bem afetuosa, incluía ele, trazia as atividades e mostrava para os outros, para que a criança aparecesse. No segundo semestre a professora incluía ele, mas trazia o aluno pra ela, e não para o grupo, acariciava, trazia, incluía, mas não tanto pro grupo, com os amigos, era uma atenção mais individual. As crianças, desde o início foi mostrado para eles essa questão da inclusão para que aceitasse o colega.
7. Como apontei acima a diferença foi a troca dos professores que mais se sobressaiu.
8. A participação da criança surda era ativa, quando era traduzido em Língua de sinais, essas histórias, essas músicas, era muito mais visível a alegria dele. Ele se sentia parte daquele grupo, mas ele sempre teve muito interesse, mesmo quando eram músicas, que não fossem língua de sinais, e sim os gestos, as vezes nem sempre a interprete estava em sala, mas ele fazia parte do processo sim, o desenvolvimento dele era bem ativo, e sempre se mostrou com bastante interesse, em aprender e participar.
9. Depende muito de profissional para profissional, nesse sentido eu vejo que alguns são mais capacitados, outros tem mais habilidade, Né? No caso essa facilidade, para tá aprendendo essa questão da aquisição de aprender mesmo, de interpretar. Então eu penso que vai de um profissional para outro assim, tem alguns têm mais facilidade outros não, acho que é isso. E também uma questão de interesse, do profissional de querer buscar, de ter interesse de aprender, de trazer ideias, mas daí vai muito de profissional para profissional né. E também o lugar em que ele ocupa, isto também vai depender, em que posição que ele ocupa, se ele é um auxiliar de sala, se ele é um professor, se ele trabalha é como faxineira, pessoal da cozinha que lugar ele ocupa, em que cargo ele ocupa.
10. Muito produtivo o desenvolvimento das crianças, é o fato deles fazerem parte para eles porque além de aprender a língua de sinais, depois

APÊNDICE 6

Transcrição da entrevista com professora do grupo: “Levada”

1. Intérprete auditivo ou não? Nós tivemos a experiência de ter dois tipos, o auditivo, o que fala e que interpreta libras também, fala tanto, fala em Libras e escuta. E tivemos uma que não escutava e falava só em LIBRAS. Eu, a experiência pra mim como professora, auditiva, eu preferi o que fala e escuta que a gente conseguiu socializar melhor, com a turma, e eu me senti mais tranquila de trabalhar com alguém assim, nesta forma e todas as crianças também. Eu acho que a produção do grande grupo é melhor. Mas pra criança surda, a pessoa que só fala em Libras eu acho que é mais interessante porque força mais essa coisa de trabalhar libras que às vezes você acaba falando esquecendo da libras quem não escuta e nem fala se obriga falar só em libras para criança que é surda e muda Eu acho que o intérprete que não fala e não escuta é melhor eu acho que eles interagem mais.
2. Eu aprendi muito em 2017 com a intérprete de LIBRAS. Nossa eu achei eu achei muito interessante o trabalho dela que ela colava tudo em tudo ela colava o adesivo do que era do sinal que era, do objeto ou da letra da imagem em LIBRAS isso o alfabeto as figuras do menino do pai da mãe então tudo era colado no alcance das crianças e dos professores para a gente visualizar o sinal, isso aprendi muito com o interprete de LIBRAS, Muito, muito mesmo porque no momento que tu acaba falando e fazendo sinais e passa tu esquece e com aquelas imagens que ela trouxe e fixou em tudo que era objeto e na parede para gente visualizar fazer com que a gente tava em contato sinais diariamente isso facilitou muito nosso aprendizado. O grupo aprendeu muito também porque com isso também as crianças como os professores tinham contato com esses objetos com esses sinais diariamente. Então as crianças se desenvolveram muito tanto é que eles que se comunicavam com nosso aluno surdo tranquilamente, conversavam, dialogavam um tempão em Libras. Isso eu achei muito interessante, foi muito prazeroso.
3. Respondida acima.
4. As profissionais geralmente tinham essa preocupação em trazer filmes e reportagens, mas sempre com a tradução pra criança entender o que estava acontecendo ou se não tinha no programa, os sinais, a intérprete fazia essa tradução para criança. A gente trazia um filme, alguma coisa que muitas vezes o filme não traz, não é em Libras mas a intérprete fazia essa parte de interpretar o que tava acontecendo pra criança ter noção do que estava acontecendo. isso também foi muito importante, essa participação dos intérpretes, porque nem tudo, nem todo material que a gente queria proporcionar para criança tem em libras. Isso é uma dificuldade quando a gente quer um filme, uma na reportagem, muitas vezes a gente não encontra traduzido para libras. Então, esse é o papel do intérprete dentro da sala de aula.

5. A intérprete trouxe materiais já direcionados pra essas crianças, tanto para o ouvinte, como para o não ouvinte. Isso, eu acho que, a preocupação hoje em dia com a criança surda está mais forte. Porque antigamente era muito mais difícil encontrar conteúdos, tecnologias, voltadas pra esse tipo de aluno, hoje a gente já consegue muitos materiais em LIBRAS, e é algo diferente pra criança, porque sai daquela coisa, escrever, na sala, e uma ferramenta a mais a tecnologia direcionada pro surdo, é muito importante, está crescendo muito mais hoje em dia essa preocupação com a criança surda e muda.
6. Ah toda! Nossa! No começo você socializa algumas coisas, mas a troca de diálogo não ocorre, brincam e tudo, mas não tem esse diálogo e no final do ano já conversavam em LIBRAS, o grande grupo conversava com a criança surda e muda, e a criança conversava com o grande grupo, uma diferença imensa, a socialização durante o ano foi muito boa, porque não só o brincar, mas o conversar em LIBRAS foi sensacional.
7. O grupo em si, os profissionais todos que se empenharam em aprender, com os materiais que a intérprete trazia, a força de vontade das profissionais ouvintes, que se empenhavam em trazer e aprender, junto com a intérprete e junto com a criança, porque também é muito difícil pra gente que é ouvinte a linguagem de sinais, então eu acho que o empenho do grande grupo, tanto os profissionais tanto das crianças de aprender o novo, de buscar conhecimento, tanto nós como as crianças tinham essa ânsia de aprender pra conseguir se comunicar com o colega, com o aluno. Então eu acho que é um empenho do grupo em si, tanto profissionais quanto as crianças.
8. Eu procurava trazer muito material, bastante visual, não só a escrita, muitos livros pop-up, com alto relevo, onde as imagens chamassem muito a atenção, não só a escrita, pra ele ter a visualização, e sempre contava fazendo muitos sinais, gestos, pra ele conseguir compreender melhor a história, quando não tinha intérprete, porque quando tinha era mais fácil. A música eu noto que ele sentia a vibração no chão, eu gostava de trazer instrumentos musicais, pra eles tocarem, pra ele sentir. E a gente percebe como ele sente a vibração, porque conforme o ritmo da música, ele mexia o corpo então sabia se a música era mais rápida, mais lenta, com a vibração do chão e o olhar para outras crianças, então a música também é algo que ajuda muito essas crianças, porque eles tem sentidos aguçados, não é porque não escuta que não está sentindo a música. Eles sentem e ele dava esse retorno para gente. Isso pra nós foi um aprendizado também.
9. Eu acho que depende muito dos profissionais de dentro da sala, se os profissionais levam pra fora da sala, porque muitas vezes você fica trancado na tua sala e não passa da porta de dentro da sala, e neste ano a gente passou, do nosso quadrado para o grande grupo. Então eu acho que o papel de quem tá em sala é mais importante do que quem está fora, quem está dentro tem que levar a criança pra fora, e isso aconteceu, também com ajuda da intérprete, porque ela

levava para o grande grupo figuras, colava no refeitório as imagens de sinais, para o grande grupo saber como se comunicar com essa criança. E o grande grupo, tanto pessoal da limpeza, como cozinha e os profissionais de outras salas, com isso também se empenhavam “ah que interessante”, achavam legal, “ah vamos aprender”, então foi o trabalho da professora intérprete que levou para o grande grupo e o grande grupo soube acolher essa criança, aprender com essa criança e sugar tudo o que essa intérprete poderia passar para o grande grupo. Eu achei muito interessante.

10. Olha, eu achei que, não só eu, as famílias das crianças, o comentário das famílias, nosso meu filho está nos ensinando LIBRAS, está aprendendo com a professora com os coleguinhas, então o relato das famílias é muito importante pra nós, porque não é só o nosso ponto de vista, mas das famílias também.

APÊNDICE 7

Transcrição da entrevista com pessoas próximas ao grupo: “Movimento”

1. Eu acho que é fundamental, é importante e é um direito da criança que tem que ser conquistado e lutado para que se mantenha.
2. Ele apresentava vários aspectos do desenvolvimento, mas o salto mesmo percebo que aconteceu em 2017.
3. Eu acho que eles tinham três abordagens diferentes de trabalho a Janaína tinha uma abordagem com o foco mais na criança e não no grupo. E ela era surda, tinha diferença no trabalho do surdo para o ouvinte. O segundo, era surdo, mas ele conseguia ouvir (usa aparelho), só que ele, penso que ele por ouvir acabava limitando o trabalho com a crianças, mas ele era uma excelente profissional também. Mas a diferença mesmo que vi foi com a Emanuelle, que eu preconceituosamente achei que não ia funcionar por ela ser surda, pra mim o bom seria alguém ouvinte para que a gente pudesse falar, mas foi um tapa na minha cara, no meu preconceito e ver que não, que ela fez toda diferença na vida da criança, do grupo e da creche como um todo.
4. Eu penso que no ano de 2017 a criança estava literalmente incluída no grupo em todos os aspectos então pra mim ele se incluía igual, como qualquer outra criança, claro ele tinha suas limitações, mas sempre o planejamento das professoras também contemplava a forma como ele participava.
5. Acho que sim, bastante. Tinha bastante contribuição porque vocês sempre estavam trazendo filmes, e sempre procurando trazer pra ele, a Emanuelle também as vezes trazia. As mídias não só, o uso da máquina também, a criação do filme, tudo isso pra mim foi bem significativo no uso das tecnologias.
6. Sim. Porque a turma mudou, de 2016 para 2017 teve uma mudança na turma, e algumas crianças tem dificuldade de interação, principalmente a criança que é surda. E eu percebi que no começo ele ficava muito com um ou dois amigos de referência e no final do ano estava totalmente integrado, brincava com todo mundo e acho que teve grandes avanços.
7. Foi a interação e a forma de condução das profissionais da turma, a aceitação do grupo, o envolvimento das famílias e tudo isso foram fatores.

APÊNDICE 8

Transcrição da entrevista com pessoas próximas ao grupo: Introversa

1. Penso que o foco de contribuição de cada um foi com focos diferentes. Uma foi mais, no caso a trajetória da pessoa influenciou no trabalho em si. Como no caso do primeiro ano tinha a pessoa, porém a pessoa não tinha a experiência de estar no lugar da criança, no caso específico da criança, de crescer nesse mundo de não ter audição como principal recurso, isso influenciou na forma de ensinar libras, do dia a dia em si, penso que foi válido no sentido ensinar alguns conceitos básicos, mas eu penso que para o trabalho em si foi muito mais significativo, posso estar errada mas é minha visão, que foi no último ano com relação à forma como foi conduzido porque a Libras ela não é apenas aprender a Libras, é também aquela questão de como que é a socialização dessa criança surda, então é diferente você não ser surdo de nascença e você ensinar libras e você ser surdo e você conviver nesse ambiente, a criança vê até essa questão da convivência da socialização, eu penso que antes de eu ter esse contato e não tinha essa visão eu pensava: “ah não, a pessoa vai saber a libras vai treinar, a questão é ter alguém pra treinar libras, mas não é treinar! Neste último ano ele aprendeu com a pessoa que estava ali socializando, os entraves de lidar nas coisas simples de ter um intérprete, de participar das atividades, de como o grupo também acolheu isso tudo para ele foi um aprendizado foi Além da libras em você Acho que foi mais a questão da socialização que foi um diferencial com relação aos 2 anos anteriores nesse último ano penso que foi uma questão que veio muito a tona que é uma realidade.
2. Penso que, no caso por exemplo de vídeo, de recursos que utilizassem o áudio, em alguns momentos a gente conseguiu que tivesse esse recurso mais adaptado pra compreensão dele. Mas ainda me cutuca, me incomoda, vamos dizer assim, alguns momentos que a gente não conseguiu. Por exemplo, exemplo claro que até hoje eu fico doída a pensar por exemplo a questão de aniversário que nós fizemos do filme. Ah tá passou o filme, tem imagens, mas todas as crianças acompanharam o enredo da história, o Ruan não. O Ruan acompanhou as imagens, em nenhum momento a gente pode possibilitar a ele o recurso da libras para que ele pudesse entender o que tava sendo falado. Então ele teve em cima das imagens ele tentou imaginar a história táva sendo colocada. Desde aquele dia do filme eu fiquei angustiada porque com essa questão, em vários momentos usa a mídia, usa a mídia, usa a mídia, tá vamos usar a mídia, mas em que medidas, não digo, que a gente não tenha que ir atrás de construir recursos, nós temos que construir, mas quanto de material neste sentido para utilizar? A gente não tem! A gente tem pouco, e são materiais que não são diversificados, são histórias já batidas, vídeos antigos. Tem algumas produções, agora recentemente eu vi uma postagem de uma professora que cria um site com várias histórias e materiais, mas o quanto que esse tipo de recurso é escasso ainda, pela quantidade de crianças, adultos, pessoas que a gente tem que precisa desse recurso e a gente não tem.
3. Penso que, eu entrei no início, e entrei mais no final também, entrei no decorrer do processo, pelo que eu percebi assim no início teve aquele olhar das crianças no

sentido de curiosidade mesmo, não pela maldade do excluir, mas assim, eles não sabiam como lidar e foi bonito assim perceber o quanto que no final a gente já havia algumas relações entre eles de conversas, mesmo em alguns momentos não estando presente, mas eu pude por exemplo pegar registros dele começar, iniciar brincadeira e as outras crianças entrarem no enredo, sendo que ele utilizando libras e tal e as outras crianças conseguindo seguir esse enredo que ele fez. Eu penso que que o grupo cresceu junto, né? Quando eu lembro da criança. eu lembro muito da Manu, da Manu fazendo sinais. O dia que a professora Norma também foi relatando pra mim, que ele começou a brincadeira de levar o bebê no médico e as outras crianças depois entraram no enredo. Então eu penso assim o quanto a gente como adulto, quanto as crianças dão banho na gente neste ponto. Porque assim, o Ruan passou esse tempo todo com a gente, mas eu também passei o tempo todo com o Ruan, querendo ou não, porque ele estava na unidade. Todos os outros profissionais também passaram, mas quem é que foram aqueles que realmente aprenderam, que realmente conversaram com ele e que conseguiram ter essa uma relação mais próxima com ele? Se esforçar mais para, foram as crianças se for pensar, os adultos um ao outro se dedicaram, as professoras que estavam mais próximas dele, foram atrás vocês estavam mais próximos, mas nós querendo ou não nós adultos ainda tínhamos uma certa barreira quando a isso, eu mesmo pouco sinais eu sabia e isso que eu fiz uma cadeira de libras na UFSC, com a Gladis. Eu não sabia nada de libras algumas coisas eu vi ele fazendo e tentava aprender com as crianças ali, mas as crianças mesmo é que pegaram essa incumbência e foram atrás e aprenderam. E quantas vezes a gente também se coloca a margem disso, poxa ele passou esse tempo todo, ele não era da sala x, ele era da creche, o quanto a gente deixou a desejar nesse sentido, do grupo não se envolver nisso, e do grupo coloco eu.

4. Envolvimento das crianças, essa questão de também ser inserido vários momentos, essa linguagem das libras foi colocado no dia a dia, querendo não, as crianças trazem isso a necessidade de estar aprendendo, mas como profissional a gente não adapta a nossa prática ao que eles estão trazendo, as vezes nos temos nosso olhar meio fechado para as coisas. Na realidade foi uma união perfeita do que as crianças estavam trazendo e o que foi proposto pelo grupo pelos professores. Então assim teve uma certa união dos dois lados para conseguir que o trabalho andasse. E eu penso que isso aí é que ajudou os dois lados realmente quererem aprender.

5. Eu penso que assim a gente, quando eu fiz a Libras eu pouca coisa me recordo e sempre a frase que vinha “você tem que fazer libras, você só pode fazer libras se tiver com quem treinar”. Que não é bem assim! Depois indo atrás, pesquisando, eu fiquei extremamente assustada ao perceber que não. As libras é uma das duas línguas oficiais do Brasil, a partir disso a gente pensar poxa se a língua oficial do Brasil e libras e o português que nós temos, a gente só usa o português. E se formos perguntar para a maioria dos profissionais que nós temos aqui, trazer essa informação, a maioria vai surpreender, que não é o conhecimento que a gente tem. Eu fui descobrir agora, 7 anos depois de formada e trabalhando que eu fui descobrir que a Libras era uma língua oficial do Brasil. Que a gente sempre tem na nossa mente que o português é a única língua oficial do Brasil e não é bem assim, eu

penso que sim foi positivo no sentido de muitas pessoas, que eu vi, que não tinham esse interesse começaram a perguntar começaram a ir atrás começaram a querer curso, a saber sobre, da nossa parte também a gente tentou uma articulação para que a gente tivesse pelo menos o mínimo de formação, um pouco sobre a questão da libras, mas também esbarrou em outras questões, pessoas que dificultaram acesso, eu penso que é assim dentro do grupo grande que a gente tem, poucas pessoas se interessaram. E esse interesse só apareceu um pouco mais, quando esses sinais começaram a sair de dentro da sala. A partir do momento que o sinal tava dentro da sala, que o ruído estava dentro da sala, que a situação estava sendo encaminhado o projeto dentro da sala, ninguém se interessava. Quando foi colocado o sinal do refeitório nunca me esqueço, todo mundo tentava fazer o sinal, e uma ria com o sinal da outra. Eu me lembro que uma saiu pelo corredor rindo imitando o tal do feijão. Olha era Hilário, mas assim foi a forma que o grupo começou a manifestar interesse. Até me surpreendeu depois no sentido de também refletir depois, que todo filme estava pronto, depois que foi apresentado e tal, ainda algumas pessoas vieram falar “nossa mas foi feito aqui?” Mas tinha professora de LIBRAS? Mas era uma mesma realidade dentro da unidade, mas quanto que a gente deixou de investir, no sentido de socializar isso com o grupo. E o quanto a gente como profissional, muitas vezes fica na nossa sala e não percebe os outros. Eu tô na minha sala, tô fazendo meu trabalho com meu grupo, mas ali na frente tá acontecendo um trabalho super legal, é feito um vídeo, tem uma professora de libras. Mas o máximo que as pessoas vêm perguntar é: quem é aquela pessoa, só para satisfazer a curiosidade. Foi interessante ver essa questão até no dia a dia de profissional, porque assim lidar por exemplo com o espaço da mesa de café, que é espaço que pra gente, pra nós ouvintes, uma fala uma coisa um lado, a gente ri, outra fala de outro, mas a realidade de ter uma pessoa que é a forma de linguagem é libras, e como inserir ela no momento tão simples que é o do café? A gente começou a pensar sobre isso, mas eu penso que a gente quisera muito caminhar nessa intenção interesse de fazer com que a gente provocar os profissionais no sentido de irem atrás desse conhecimento. Porque não é assim, ah mas eu conversei com fulano pelo WhatsApp. Tá, mas se você conversa com WhatsApp escrito, então você não tá se interessando em aprender a libras. Você está simplesmente trazendo o conceito de Boa Ventura de colonialismo, você está simplesmente submetendo a cultura surda a cultura do ouvinte. Não tá querendo aprender sobre a outra cultura, tu estás querendo reduzir a ela e chegar uma coisa que seja comum aos dois. Tu não está se apropriando, você está de certa forma passando por cima da outra cultura.

6. Eu penso que todos contribuíram, eficiente, eficiente, penso que a parte de filmagem deixa desejar a questão do áudio, a parte do notebook, de vídeo também tem a questão do áudio. Eu penso que o que mais fácil para ele compreender e mas talvez ele se sinta um pouco mais a vontade, de saber explicar o objetivo pelo qual lhe vou fazer atividade, é a questão de foto porque na realidade é assim, se você vai trabalhar a música, você vai trabalhar com o áudio ele não vai ter a dimensão que nós temos de ritmo e de tudo. ah mas é só traduzir as palavras. Não, pera aí não é bem assim! A gente tem a questão do ritmo, tem outras questões que envolvem a música que não é só palavra. Eu penso que, talvez o recurso que mais seja eficiente

é a questão da imagem. Seja para fotografia, ou registro que eles tirem foto, é um registro mas que ele consiga estar mais pleno, do que a questão de uma filmagem, ou se explicar o que ele tem que tá filmando, nesse sentido. Porque as questões que envolve o áudio é complicado tu passar para ele o total daquela experiência, a questão do áudio que pega é a questão do computador, questão de vídeo de música. Fala-se muito a gente trabalha muito na Educação Infantil a música, mas qual é o significado para criança surda, o que ele se apropria mesma daquela experiência, ele consegue tá inteiro naquela experiência? Não ele não consegue, não tem como explicar o ritmo, eu penso que essa parte do áudio que acaba pegando. E a gente coloca as crianças tudo do mesmo saco, digamos assim, todas elas, vou trabalhar a música, trabalhar o vídeo, trabalhar as tecnologias, nesse sentido nas tecnologias que a gente tem mais acessos. A gente esquece que fora as tecnologias, a gente tem outras formas de linguagem que já vem no documento, com algo que a gente tem que trabalhar, não dizendo que as tecnologias não tem seu papel importante, ele tem questão de acervo, de material, tanto de pesquisa para o profissional ou produzido Mas com relação a criança que a linguagem principal é a libras pra trabalhar as tecnologias temos poucos recursos.

Pensar no destaque: destaque em que sentido? Que ele pudesse compreender melhor o que estava sendo proposto? Ou se destacaram no sentido de as crianças poderem estar mais próximas a ele? A gente sempre tem que refletir nessas palavras. Qual o objetivo. Se for no caso dele eu penso que se destacou mais a questão da imagem, da apropriação que ele mais se apropriou.

APÊNDICE 9

Transcrição da entrevista com pessoas próximas ao grupo: “Observadora”

1. Ah eu achava legal, porque todas as crianças participavam, queriam ensinar, queria assim, estar sempre atenta e quando eles iam assim para o refeitório que tinha as imagens, ficavam perto dele para ele poder também se estimular a falar.
2. Eu não acompanhei ele na sala em 2016, porque eu não era da sala dele, mas acompanhava muito no refeitório, e ele era meio que perdido, meio que esquecido, por as crianças olharem pra ele com outros olhos, por ele ser novo ali no refeitório, por saber lidar com ele. Eu via que ele ficava meio que retirado, mas ele sempre tentando se entrosar, e mesmo com o problema que ele tinha, ele sempre tentava estar sempre ali junto, fazendo as coisas dele.
3. Eu sentia bastante diferença a primeira eu via que ela era mais interessada na parte de ensinar tudo pra ele, só pra ele. Estava sempre ligada nas coisas dele. A outra que era a Emanuelle que foi a terceira, eu não achei desenvolvimento nenhum, ela não era muito ligada a ele, eu acho que ele mesmo se entrosava sozinho. O professor quase não peguei, porque foi pouquinho tempo. Eu achei que a primeira era mais de ensinar, mais criativa.
4. Acontecia, poucas vezes eu fui na sala e via as professoras fazendo este trabalho, a professora da sala tentava fazer bastante deste trabalho. Dentro da sala eu via que ele se interessava, que ele queria explicar, queria falar, sempre bem ligado.
5. Sim, eu acho que teve, ele ficou mais independente, ele mesmo querendo fazer as coisas sozinho, sem precisar... até eu acho que ele tava querendo tentar mostrar que podia fazer. Tantas vezes, eu também tava muito na sala, tipo assim no banheiro, se eu queria explicar, ele mesmo já fazia. As vezes eu falava "o que você está fazendo aqui? Tu não pode ficar no banheiro. Ele já me explicava, já entendia, e quando me via já sabia que não podia fazer coisa errada no banheiro, ficava bem ligado, ele é uma criança muito inteligente.
7. Essa mudança foi influência da creche, dos amigos, das professoras ensinarem pra ele, não tratar ele como uma criança doente, e sim uma criança normal. Claro diferente no cuidado, tipo um olhar diferente, mas as professoras deixaram ele muito a vontade pra ele saber, ele aprender. Porque as vezes essas crianças elas precisam desta liberdade, não só aquela proteção. Ah porque ele tem essas dificuldades a gente não vai deixar? Quando ele pegava o pratinho, eu até falei pra muita gente ali, que as vezes ele fazia as coisas mais certa que muitas crianças que

não tinha dificuldade. O fato de ele botar comidinha no pote, de se servir, de pegar o pratinho de levar pra mesa, de se impor. Ele aprendeu pelas professoras, de olhar, de deixar ele livre pra ele fazer. E ele era uma criança assim, ele gostava dele fazer. Eu acho que ele aprendeu muito aqui e foi muito importante a turma deste ano, as professoras, por tratarem ele como uma criança normal.

APÊNDICE 10

Transcrição da entrevista com pessoas próximas ao grupo: “Brincante”

1. A contribuição delas foi essencial cada um com seu jeito, cada intérprete Tinha Seu jeito de trabalhar com a criança surda, mas ela foi essencial no sentido que ela auxiliava ele na comunicação, incluindo ele no sistema de linguagem que ele vai utilizar pela vida toda, então eu acho também que ter os intérpretes na creche trabalhando com essa criança auxiliou também as professoras ouvintes não só as do grupo mas como todas as outras professoras a trabalharem com essa criança conversarem com essa a criança ter mais atenção desejo essa criança ela nos ensinou por exemplo a trabalhar a questão de alimentação dele no refeitório ensinando o nome dos alimentos das frutas uma delas uma interagiu mais no coletivo conseguiu se comunicar com o número maior de professores eu acho que ela envolveu ele mais do coletivo o outro fazia um trabalho mais individualizado com a criança eu percebia que ele ficava mais em função dele e não conversava tanto com o coletivo da creche Mas eu via que ele apresentava muitos objetos muitos sinais diferentes eu acho que essa é a principal diferença, um trabalhava mais no coletivo e o outro mais com a criança. o outro intérprete ouvinte ele veio desenvolvendo um trabalho bem bacana mas foi muito pouco tempo para gente realmente conhecer o trabalho dele a principal diferença dele é que ele tinha mais facilidade ainda e fazer a transposição do que a gente queria para criança como a terceira intérprete de libras ela era surda também a gente teve desafio de primeiro conversar com ela para depois ela conseguir transpor para criança o que a gente queria. Já o intérprete que era ouvinte ele tinha essa facilidade de estar nos ouvindo, está escutando e conseguir fazer com que a criança surda estivesse mais próximo ainda do que a gente estava vivenciando dentro da sala. um exemplo que eu posso citar fica bem claro isso é a questão das músicas com intérprete ouvinte ele conseguia transpor a emoção os sentimentos daquela música pra crianças surdas a intérprete que não ouvia ela tinha muita dificuldade trabalhar com música porque ela trabalhava com música compartimentada através das palavras que ela lia na música que a gente escrevia.

2. Eu acompanhei bem o trabalho com as crianças do Grupo 5/6 porque na época eu era a professora volante então eu entrava muito nessa sala para trabalhar junto com os profissionais da sala e assim esse movimento aconteceu de uma forma

interativa, as crianças interagiam diretamente com as tecnologias elas usavam o celular elas usavam computador da professora até um dia eu brinquei com a professora Nossa que coragem botar teu celular nas mão delas eu acho que elas ficavam participavam muito gostavam daquele movimento aprenderam inclusive algumas técnicas de filmagem elas mesmas percebiam o que elas faziam olha Cortei o pé da amiga aí Cortei a cabeça da amiga na filmagem Ah eu quero mostrar a árvore, Quero mostrar a flor Eu acho que foi um trabalho que tinha tecnologia presente em todos os momentos e que as crianças participavam do processo de forma criativa inclusive e a criança surda participava mais do que todas as outras porque querendo ou não assim que ela via que alguma tecnologia estava sendo preparada como celular à televisão ele já ia em direção a tecnologia e se sentia atraído por ela e eu acho que isso fez uma grande diferença no trabalho com ele porque ele conseguia ver melhor a questão da reprodução das imagens e apesar de não estar escutando o som eu acho que ele se sentia mais interagido do que tava acontecendo na sala, do movimento do que estava acontecendo na sala foi importante também a questão da tecnologia para a gente se comunicar com a intérprete que era surda porque querendo ou não a gente ainda não tinha conhecimento amplo de libras e ficar só escrevendo na folha de papel era muito difícil a comunicação então a gente utilizava a questão do WhatsApp para poder conversar com ela no sentido que quando a gente falava e usava um programa para decodificar na escrita a nossa fala eu acho que foi fundamental para desenvolver um trabalho de coletivo e interativo, tanto com as crianças quanto com as professoras.

3. Sim tinha bastante diferença eu acho que no primeiro momento ele estava um pouco assustado por estar numa turma diferente com amigos diferentes ele interagiu pouco com os outros brincavam a maior parte do tempo sozinho no começo tinha dificuldade para entrar na creche chorava para ficar a professora tem que fazer todo um trabalho de convencimento pegar no colo dar bastante carinho bastante atenção e no segundo semestre já tava solto ele procurava os amigos para brincar ele conseguiu se comunicar com os amigos ele disputava pelos brinquedos que eu acho que isso é um ponto importante porque ele não era passivo na relação ele realmente interagiu e as crianças meninas que foram aprendendo os sinais foram ficando curiosas sem se comunicar com ele elas conseguiam transpor para ele o que elas queriam eu acho que é brincadeira fluía e ele tinha muitos amigos no segundo semestre e se sentia muito acolhido no grupo. ele se fazia parte do grupo;

4. Eu acho que foi um pouco do trabalho realizado tanto do individual da sala quanto do coletivo da creche acho que a gente acolheu a especificidade dele que era surdez a dificuldade dele de estar nesse espaço onde a maioria é ouvinte e a gente conseguiu fazer um trabalho integrando ele onde ele sentia pertencente eu acho que essa foi a diferença com muita paciência com muito carinho com muita dedicação a gente também procurava nas propostas que a gente desenvolvia procurava manter ele sempre inteirado interagindo incluído então a gente adaptava Algumas propostas adaptava algumas músicas a gente começou a cantar o Parabéns dos

aniversariantes do mês aqui na creche em Libras além da gente cantar assim também utilizava os gestos em Libras Então as crianças aprenderam e ela sabia se comunicar com ele isso foi bem gratificante;

5. Eu acho que a maioria das pessoas os professores tem um pouco de receio um pouco de medo de errar um pouco de medo de falar o que não que não deveria ter falado e também um pouco de dificuldade com relação a memorizar o sinal para identificar de determinada palavra Eu acho que isso é só uma formação continuada a gente procurando mesmo para poder aprender só o fato que a gente tem uma professora de libras na Instituição faz toda diferença eu acho que as pessoas sentem mais abertas a procurar a língua de sinais Isso faz todo diferencial.

6. Eu acho que naquele momento smartphone porque as crianças já tem um certo contato com Smartphone em casa, smartphone de seus pais elas sabem que ele serve para fotografar, para filmar, para fazer pesquisas na internet, para brincar com os jogos. E eu acho que naquele momento o smartphone foi o mais especial por que ajudou na produção de um curta onde as próprias crianças fizeram a filmagem e ajudaram na produção, no roteiro, escolhendo o que eles queriam reproduzir na tela. E eu acho também que o que o fato de a gente gravar no Smartphone passar pro computador e depois assistir na grande tela no Datashow projetado na parede fez eles se sentirem valorizados, então eu acho que de todos o smartphone naquele momento foi o mais importante, não que as outras não tenha tido importância também no processo só que eu acho que o smartphone as crianças ainda se interessa muito porque é algo que elas ainda não tem na mão delas, que elas não tem o delas, elas tem o da família, o da professora, neste processo ele foi o mais importante.

7. Eu acho que a principal foi a filmagem do curta porque foi um projeto do ano inteiro praticamente assim onde ele se envolveram diretamente e tiveram que escolher os locais que elas irão realizar os filmagens quem iria participar no momento quem ia participar no outro eu acho que a filmagem é bem importante mas eu também destaco o trabalho com a música a gente acabou passando para professora de libras pelo whatsapp uma música Ela fez toda a tradução pra libras e a gente cantou e fez ao mesmo tempo gestos em libras e isso foi essencial para as crianças verem que é possível uma criança surda também participar da música, da história e outros momentos.

8. Na verdade eu participei do projeto diretamente porque eu ajudei nessa interpretação da música em Libras, eu aprendi os gestos, eu também fui uma aprendiz deste processo, eu estive diretamente relacionada com a intérprete e fui aprendendo com ela a medida que ela foi me ensinando e explicando aprendendo também como que é o sentimento do surdo com a música uma das atividades que

eu passei junto com eles foi uma música de cores onde a gente utilizou para trabalhar cada cor para as crianças aprender em Libras o sinal das cores, ficou marcada porque todas as crianças conseguiram aprender além da criança surda lógico as cores, que algo que está presente no cotidiano da Educação Infantil quando você escolhe uma tinta um lápis para fazer a proposta eu acho que isso foi bem marcante porque até o final do ano as crianças ainda sabiam os sinais e quando elas iam pedir uma canetinha uma tinta alguma coisa relacionada a cor a outras professoras elas sempre fazia o sinal em Libras Independente se o Ruan estava ou não, eu acho que isso foi essencial.

A intérprete ela é pessoa muito tímida, ela tinha muita dificuldade em aparecer em filmagem e ela não se sentia à vontade no primeiro momento a gente gostaria que ela estivesse fazendo esse trabalho só que como ela não sentia à vontade a gente respeitou ela o desejo dela e ela pediu então quem sabe se eu explicar a música Porque Não você não faz e como não tinha essa dificuldade de aparecer na tela com as crianças porque eu acho que as tecnologias são essenciais para o trabalho que a gente desenvolve na educação infantil e é algo que a gente não pode ficar alheio então eu aprendi tive um pouco de facilidade porque eu tenho facilidade de decorar gestos de sinais então eu acabei aprendendo sinais referentes a música e a música também foi uma música produzida pela professora da sala não foi algo que a gente já pegou pronto e acabado tinha mais esse diferencial e essa dificuldade também porque ela assim o palavras que até então não tinha sinais prontos e a gente criou sinais que fariam sentido por um surdo Então eu acho que foi por isso ela não quis a gente respeitou ela porque a gente tem que respeitar mas eu acho que as crianças não perderam com isso pelo contrário eu acho que elas ganharam porque elas virão todo o trabalho em que eu tive de aprender com a intérprete querendo ou não eu também tive certa dificuldade de saber exatamente qual era o sinal e acompanhar todo o processo além do meu aprendizado e a gente fazer passo a passo a música em partes sempre muito devagar sempre uma atitude muito respeitosa de conversa de troca que finalizou no projeto e achei que foi maravilhoso onde todas as crianças aprenderam muito, mais do que a Libras aprender a respeitar as diferenças eu acho que isso é fundamental.

APÊNDICE 11

Transcrição da entrevista com a mãe da criança surda

1. Meu Deus já é tudo né! É fundamental porque eu acho que sem ele, sem ela tá ali, ele num tinha, eu acho que num tinha comunicação né? Porque eu sou mãe eu entendo, mas outros de fora não! Ela é tudo! Meu Deus é fundamental ter uma pessoa que interprete LIBRAS e ensine LIBRAS. (Entrevista por voz Whatsapp)
2. Eu percebi, porque os sinais que eu não sabia ele me ensinou, e a comunicação entre ele e as outras crianças, foi bem mais fácil, eles conversando em LIBRAS mesmo, porque o sinal que nós conversava era sinal, mas não era as LIBRAS correta né? No final ele que acabava me ensinando a ir no banheiro, tudo, a comer, como era na libras correta, e foi muito bom o desenvolvimento dele por causa disso, e agora ele pode conversar com outras pessoas também né?
3. Ah, eu com as professoras, assim, a e a, assim, eu gostei mais por causa que elas não era ouvinte, então elas cabava, dando mais atenção pra ele, igual acho que no caso que teve um professor que chegou ir com ... mas ele era ouvinte, então acho que ele não se identificava muito. Mas, tanto a quanto a ... foi essencial pra ele. E agora ele tem a aqui em Terra Roxa. Só que agora no colégio, ele tá no primeiro ano, e é a ...
4. O que eu sei ensinar sim, senão é os sinais para gente se comunicar mesmo.
5. Não, assim, acho que tudo né, só que ainda existe muito preconceito, tem muita coisa pra ser alcançada, que eu acho que, interprete teria que ter em posto de saúde, teria que ter em todos os lugares, dentro do hospital para se comunicar com os médicos e não tem ainda, infelizmente a gente enfrenta isso aí. E que demorei pra conseguir um intérprete, mas também quando consegui foi benção de Deus na nossa vida.

APÊNDICE 12

Transcrição do questionário aplicado com os intérpretes: “Intérprete 1”

1. Para o aluno Surdo acompanhar a aula, interagir com professores e outros alunos, através de intermediação de boa qualidade, pois é um profissional capacitado da área.
2. Eu fiquei por pouco tempo, apenas dois meses, e percebi que a criança Surda adquiriu novos sinais (palavras) da Libras, após perceber que tinha um profissional da área, assim como eu, ela ficava com muita sede (curiosidade) de perguntar como são os sinais referentes aos objetos apontados por ela. E se sentia feliz e confortável por comunicar comigo em Libras e também algumas aulas, por exemplo, quando a professora regente contava historinhas para crianças, eu a traduzia e adaptava em Libras para a criança Surda ficava despertada e curiosa. Então, o quão é importante essa criança Surda ser ensinado pelo professor de Libras, pois ela não há contato com essa língua em casa por ter família ouvinte e ninguém sabe Libras.
3. Sim, porque a aquisição de primeira língua das crianças Surdas é a língua de sinais determinada a sua nacionalidade. Como a língua de sinais é a modalidade de visual espacial, portanto, é útil usar os recursos tecnológicos, assim como, computador, televisão que mostram recursos visuais como imagens e vídeos em língua de sinais, vídeos em áudio (língua oral) com interpretação de língua de sinais.
4. Sim.
5. Como mencionei na segunda questão, a criança Surda se despertava com curiosidade, porque talvez antes de entrar o profissional da área não havia interação com ela em Libras quando realizava estes tipos de atividades como rodas de histórias, rodas de conversas, etc.
6. Demais crianças respeitavam a criança Surda, e ainda tinham interesse de aprender a Libras para comunicar com ela.

7. Percebi que os funcionários e professores têm afetividade e carinho com a criança Surda. E em relação da aquisição da língua de sinais, os funcionários não sabiam, algumas professoras, por exemplo, professoras da criança Surda se envolviam a adquirir a língua de sinais perguntava para o professor de Libras de alguns sinais, algumas frases quando queria dizer para a criança Surda.
8. Por não ter aula de Libras (disciplina) no currículo, as crianças aprendiam um pouco de vocabulários com a presença do professor de Libras.
9. A disciplina de Libras no currículo que assim todos aprenderiam a Libras para poder ter a comunicação e interação saudável com a criança Surda.

APÊNDICE 13

Transcrição do questionário aplicado com os intérpretes: “Intérprete 2”

1. O intérprete é importante na educação infantil para tradução de sinais que a criança não entenda, desde que seja fluente em língua de sinais. Mesmo assim nada substitui a presença de um professor surdo e trabalho em conjunto.
2. Sim, na maioria dos casos a criança consegue comunicar em língua de sinais. A presença de um professor fluente e um intérprete fluente faz com que a criança aumente seu vocabulário.
3. Contribuem desde que sejam aplicadas técnicas e materiais para que o sujeito surdo tenha acesso ao recurso. Na maioria dos casos os professores apenas mostram imagens. A adaptação de materiais com personagens surdos pode fazer com que a criança tenha uma identificação e ai sim o recurso tecnológico tornar-se efetivo.
4. Conforme pergunta anterior, considero que contribuem, desde que aplicadas de forma correta. O uso indiscriminado do som e de músicas por exemplo não tornam a ferramenta efetiva para crianças surdas.
5. Na maioria das vezes o profissional (primeiro professor) não sabe lidar com as crianças surdas. Propõe músicas traduzidas acompanhando o Português e poesias. Caso a adaptação do material não seja adequada a criança não vai participar, não vai receber informação.
6. As relações geralmente são muito positivas. Algumas propostas de ensinar um pouco de Libras nas aulas faz com que as crianças ouvintes

tentem comunicar-se de alguma forma com a criança surda (até mesmo com sinais gestuais).

7. Em Santa Catarina, na maioria das escolas os professores tentam aprender alguns sinais. Entretanto é um longo caminho para explicar que sinais soltos não formam a gramática e que o aluno não aprende se não tiver exemplo.
8. As crianças ouvintes geralmente aprendem língua de sinais para tentar conversar com os colegas surdos. Vai depender do estímulo da professora em sala de aula.
9. Não. Acredito que a pesquisa busca saber o relacionamento entre o intérprete, professor e criança surda em sala de aula.